

**FUNDAÇÃO INSTITUTO CAPIXABA DE PESQUISAS EM
CONTABILIDADE, ECONOMIA E FINANÇAS – FUCAPE**

CLÁUDIA RIBEIRO DE MORAES

**CYBERBULLYING NO ENSINO SUPERIOR: perfil de vítimas e de
agressores em uma instituição federal de ensino**

**VITÓRIA
2017**

CLÁUDIA RIBEIRO DE MORAES

CYBERBULLYING NO ENSINO SUPERIOR: perfil de vítimas e de agressores em uma instituição federal de ensino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração, linha de pesquisa – Estratégia e Governança Pública e Privada.

Orientadora: Professora Dra. Silvânia Neris Nossa

**VITÓRIA
2017**

CLÁUDIA RIBEIRO DE MORAES

CYBERBULLYING NO ENSINO SUPERIOR: perfil de vítimas e de agressores em uma instituição federal de ensino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração, linha de pesquisa – Estratégia e Governança Pública e Privada.

Aprovada em 09 de agosto de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA

ORIENTADORA: PROF.^a DOUTORA SILVÂNIA NERIS NOSSA

(Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças
– FUCAPE)

PROF. DOUTOR ARIDELMO JOSÉ CAMPANHARO TEIXEIRA

(Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças
– FUCAPE)

PROF. DOUTOR BRUNO FÉLIX VON BORELL DE ARAUJO

(Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças
– FUCAPE)

Dedico este trabalho aos meus filhos, Priscila e Lucas, em especial a Maria Clara. A minha mãe, Ercília, pelas suas orações diante dos meus desafios e torcida pelas minhas vitórias. A todos pela privação da minha presença por esse longo período.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por iluminar meus caminhos durante essa jornada.

A Minha orientadora, Prof. Doutora Silvânia Neris Nossa pela atenção, contribuições, incentivo, sempre afirmando que daria certo.

Ao professor Dr. Aridelmo José Campanharo Teixeira pelas contribuições na elaboração do projeto e concretização desta pesquisa.

À minha família, pelo amor, compreensão, incentivo e apoio incondicional, itens que foram decisivos para a conclusão de mais uma etapa da minha formação.

Ao IFES por me oportunizar crescimento pessoal e profissional através desse mestrado.

Aos colegas de campus Rosângela e Emerson pelo apoio, incentivo e companheirismo que me impulsionaram a continuar superando os desafios.

Ao meu colega de profissão, Professor Diassis de Cássia Ximenes, por seu apoio incondicional e incentivo durante todas as aulas do curso.

RESUMO

A proposta desta pesquisa é verificar a incidência de *Cyberbullying* entre os alunos dos cursos superiores do IFES, traçar o perfil de vítimas e agressores e o impacto do conhecimento das normas e legislações nesses comportamentos. O perfil das vítimas e dos agressores contribuirá com os gestores dos campi do IFES e outras instituições de ensino na elaboração de políticas de prevenção e erradicação de *cyberbullying* evitando prejuízos emocionais e abandono escolar. O estudo foi realizado em 14 campi do IFES que possuem cursos superiores. O questionário foi enviado a 3.700 alunos com retorno de 505 respondentes. A metodologia possui natureza exploratória, abordagem quantitativa, objetivo descritivo e utilização da técnica de *survey* por meio do questionário *Cyberbullying Inventory for College Students (CICS)*, desenvolvido por Francisco, Veiga, Ferreira e Martins. Os dados do questionário foram analisados por meio de quatro modelos regressão logística múltipla com utilização dos estimadores Tobit e Probit. Os resultados apontam que as vítimas representam 28,71% da amostra total e os agressores representam 10,49% dessa mesma totalidade. Os resultados mostram que o gênero, o estado civil, a orientação sexual do indivíduo, o conhecimento das leis e normas e ser aluno de campi localizados da Grande Vitória são estatisticamente significativas para vitimização. Com relação ao agressor foram estatisticamente representativos o fato de já ter sido vítima, de trabalhar, a orientação sexual e a renda familiar.

Palavras-chave: Cyberbullying, Ensino Superior, perfil de vitimização e agressão.

ABSTRACT

The purpose of this research is to verify the incidence of *Cyberbullying* among IFES students, to outline the profile of victims and perpetrators, and the impact of knowledge of norms and laws in these behaviors. The profile of the victims and the aggressors will contribute to the managers of the campuses of the IFES and other educational institutions in the elaboration of policies of prevention and eradication of *cyberbullying* avoiding emotional damages and dropping out of school. The study was carried out on 14 IFES campuses with higher education. The questionnaire was sent to 3,700 students with a return of 505 respondents. The methodology has an exploratory nature, quantitative approach, descriptive objective and use of the survey technique through the *Cyberbullying* Inventory for College Students (CICS), developed by Francisco, Veiga, Ferreira and Martins. The questionnaire data were analyzed using four logistic regression models using the Tobit and Probit estimators. The results indicate that the victims represent 28.71% of the total sample and the perpetrators represent 10.49% of the same totality. The results show that the gender, marital status, sexual orientation of the individual, knowledge of laws and norms and being a student of localized Grande Vitória campuses are statistically significant for victimization. With respect to the aggressor, the fact that they were victims, of working, sexual orientation and family income were statistically representative.

Keywords: *Cyberbullying*, Higher Education, victimization profile and aggression.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sentimentos vivenciados pelas vítimas após o cyberbullying	51
Gráfico 2: Ações tomadas pelas vítimas após serem agredidas por cyberbullying ...	51
Gráfico 3: Pessoas/instituições que podem ajudar a resolver o problema do cyberbullying na visão das vítimas	52
Gráfico 4: Mídias eletrônicas utilizadas na agressão	53
Gráfico 5: Vítimas escolhidas pelos agressores por sexo e/ou grupo de sexo	54
Gráfico 6: Sentimentos vivenciados pelas vítimas após o cyberbullying	54
Gráfico 7: Sentimentos vivenciados pelas vítimas após o cyberbullying	55
Gráfico 8: Motivos para a prática de cyberbullying relatados pelo agressores.....	56
Gráfico 9: Sentimentos vivenciados pelo agressor após a prática do cyberbullying .	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	10
1.2 QUESTÃO DA PESQUISA	13
1.2.1 Perguntas da Pesquisa	13
1.2.2 Objetivos	14
1.2.3 Justificativa	14
1.2.4 Contribuições da pesquisa	15
1.2.5 Metodologia	16
1.2.6 Organização dos Capítulos	16
1.2.7 Síntese dos Resultados	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 CONCEITUANDO <i>CYBERBULLYING</i>	19
2.2 PREVALÊNCIA DE <i>CYBERBULLYING</i> NO MUNDO	22
2.3. <i>CYBERBULLYING</i> NO ENSINO SUPERIOR	24
2.4. CONSEQUÊNCIAS DO <i>CYBERBULLYING</i>	26
2.5. POLÍTICAS DE PREVENÇÃO DE <i>CYBERBULLYING</i>	27
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	31
3.1 AMOSTRA	31
3.2 INSTRUMENTO.....	31
3.3. RECOLHA E TRATAMENTO DOS DADOS	32
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	37
4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA.....	37
4.2. RESULTADOS DOS MODELOS DE REGRESSÃO.....	39
4.2.1 Vítimas de <i>cyberbullying</i>	40
4.2.2 Agressores de <i>cyberbullying</i>	45
4.3 DADOS ADICIONAIS ENCONTRADOS NA VITIMIZAÇÃO	50
4.4 DADOS ADICIONAIS ENCONTRADOS NAS RESPOSTAS DOS AGRESSORES.....	53
5 CONCLUSÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	59
5.1 DETERMINANTES DE VITIMIZAÇÃO.....	59
5.2 DETERMINANTES DE AGRESSÃO	63

5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS.....	68
ANEXO A: INVENTÁRIO DE CYBERBULLYING	76

Capítulo 1

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A massificação do uso das tecnologias de informação e comunicação nos últimos vinte anos possibilitou acesso à Internet e, conseqüentemente, maior interação online por meio de equipamentos eletrônicos. Esse fato proporcionou a “criação de diferentes convenções sociais de liberdade, privacidade e sociabilidade” (MASCHERONI; ÓLAFSSON, 2014, p.6).

As pessoas, independente da faixa etária, intensificaram a interação virtual expondo dados pessoais, sua identidade, criando perfis públicos em salas de bate papo, blogs, redes sociais entre outros.

Apesar dos benefícios inegáveis das tecnologias da comunicação e informação, “observa-se que esse espaço também está sendo usado para práticas delituosas” (PEREIRA, 2015, p. 3). Dentre as práticas delituosas surge o fenômeno social denominado “*cyberbullying*”.

Cyberbullying é definido por Belsey (2004) primeiro estudioso a elaborar um conceito, como uma “ação hostil que é praticada de forma deliberada e repetida por uma pessoa ou grupo de pessoas com o objetivo de prejudicar os outros por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação”.

O *cyberbullying* pode ocorrer de várias maneiras: assédio por meio de mensagens ofensivas enviadas continuamente, comentários hostis, ameaças, difamação com o propósito de ferir a pessoa ou separá-la de suas amizades, fazer-se passar por outra pessoa em redes sociais para colocá-la em situação vexatória,

envio ou reenvio de um assunto íntimo de alguém, envio ou reenvio de uma foto íntima de uma pessoa para difamá-la ou realização de montagem fotográfica falsa e divulgação indevida, expulsão de uma pessoa de um grupo online de forma deliberada e cruel, extorsão de alguém com ameaças, sempre com o objetivo de humilhar, impor o medo e o desespero na pessoa ou pessoas.

Esse fenômeno de comportamento social agressivo tornou-se um desafio mundial de saúde pública. Estudiosos das áreas da educação, saúde e direito se debruçam em pesquisas para definir conceitos, elucidar causas e consequências e propor ações de prevenção e erradicação.

O Centro de Pesquisa em *Cyberbullying* (EUA), por meio de 10 estudos realizados por Hinduja e Patchin, diretores do centro, entre 2007 e 2016 sobre a prevalência de *cyberbullying* chegou aos seguintes números: em algum momento de suas vidas cerca de 30% dos jovens sofreram vitimização e cerca de 16% praticaram agressão. De 2013 para cá o índice de vitimização aumentou significativamente nesses mesmos estudos: de 24,1% em 2013 para 33,8% em 2016.

Uma pesquisa feita por Faucher, Jackson e Cassidy (2014, p. 4), em quatro universidades canadenses, com 1625 alunos, chegou ao percentual de 24,1% de alunos envolvidos com *cyberbullying*.

No Brasil, as prevalências de *cyberbullying* encontradas nas pesquisas realizadas com adolescentes ficaram entre 7,4% e 13% de vitimização e cerca de 11% de agressão. Mascarenhas e Martinez (2012, p. 152) encontraram 45,1% de vitimização de *cyberbullying* em duas universidades brasileiras no Estado do Amazonas (UFAM e UNIR), com um total de 1489 alunos. Existe uma escassez de

estudos dessa temática no Brasil e no Estado do Espírito Santo não foram encontradas pesquisas.

De acordo com Wendt e Lisboa (2013, p. 82) a vitimização online é muitas vezes negligenciada, tratada como um fato corriqueiro, mas os prejuízos emocionais causados pelo *cyberbullying* são, por vezes, devastadores. Verifica-se tanto a dificuldade no desenvolvimento escolar, sentimentos negativos, baixa autoestima até a ideiação suicida ou mesmo o próprio suicídio.

Muitos fatores podem propiciar a agressão por *cyberbullying*. “A vítima tem dificuldade de fugir, pois tem acesso constante às mensagens, aos e-mails, em qualquer lugar e em qualquer horário” (WENDT; LISBOA, 2013). A sensação de anonimato também pode estimular a prática agressiva online, pois o medo do flagrante e da punição é menor. Para os estudantes a comunicação online pode ser muito mais confortável ao invés de pessoalmente, fato que também pode facilitar a prática de *cyberbullying*. A falta de supervisão na utilização dos meios eletrônicos também pode estimular a agressão.

Apesar de ser possível a prática do *cyberbullying* em qualquer lugar, bastando apenas a posse de um telefone celular com acesso à internet, um tablete ou um computador, esse é um fenômeno que pode ter seu início no ambiente escolar. A escola não é apenas uma instituição destinada a ensinar os conhecimentos construídos pela humanidade, mas também é espaço de construções sociais e psicológicas do indivíduo por meio da convivência em grupo. Os espaços escolares brasileiros precisam se preparar para a prevenção e o enfrentamento desse problema face ao aumento da vitimização. As políticas precisam partir dos órgãos públicos responsáveis e também das próprias instituições de ensino. De acordo com o *Cyberbullying Research Center* (EUA, 2015) governos de diversos países vem

implementando ações e criando leis para prevenir e minimizar as ações de *cyberbullying*: EUA, Reino Unido, Finlândia, Noruega, Espanha, Canadá, etc.

No Brasil, apesar das primeiras pesquisas mundiais sobre *cyberbullying* datarem o início desse século, o Governo sancionou em 06 de novembro de 2015 a Lei nº 13.185 que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática. A lei não deixa claro qual será o órgão ou os órgãos que ficarão responsáveis em elaborar as políticas de “combate”. Neste sentido a ocorrência desse fenômeno no Ensino Superior e as medidas de prevenção tomadas pelas instituições ainda são desconhecidas em muitos aspectos.

1.2 QUESTÃO DA PESQUISA

Esse estudo utilizou a sugestão de pesquisa deixada por Balakrishnan (2015, p. 156), em estudo realizado com universitários, que propõe pesquisas sobre os motivos de perpetração do *cyberbullying* e seus efeitos. Uma outra sugestão utilizada foi a de Faucher, Jackson e Cassidy (2015, p. 115) que sugere pesquisas sobre a implementação das políticas de prevenção de *cyberbullying* pelas faculdades e universidades, a avaliação de sua eficácia e a dicotomia entre as regulamentações e a prática.

1.2.1 Perguntas da Pesquisa

Tendo em vista as lacunas nas pesquisas de Balakrishnan (2015) as seguintes perguntas podem ser formuladas para essa pesquisa: quem são as vítimas de *cyberbullying* no Ensino Superior no Espírito Santo? Quem são os agressores? Quais são as variáveis determinantes que são significativas para

agressão e vitimização de *cyberbullying* no Ensino Superior no Estado do Espírito Santo?

1.2.2 Objetivos

O objetivo desta pesquisa foi traçar o perfil das vítimas e dos agressores de *cyberbullying* entre os alunos dos cursos superiores do IFES. Adicionalmente pretende-se elencar as principais características de cada um, para que as políticas de intervenção e prevenção possam ser embasadas em dados empíricos, buscando a eficácia das ações planejadas.

1.2.3 Justificativa

A justificativa para o desenvolvimento deste estudo se dá pelos casos de pessoas que tiram a própria vida para acabar com o sofrimento vivenciado pelo *cyberbullying*. Famílias são atingidas por esse fenômeno que objetiva hostilizar e trazer sofrimento ou desconforto a uma pessoa ou grupo de pessoas por meio de redes sociais, e-mail, chats, fóruns online, fotos, vídeos e mensagens via celular. É um problema complexo e dinâmico de consequências que podem ser destrutivas, que pode trazer prejuízos psicológicos, sociais e econômicos e que atinge pessoas no mundo inteiro.

Estudos recentes de Hinduja e Patchin (2010, p. 1); Kowalski et al. (2014, p. 1124); Zalaquett e Chatters (2014, p. 5); Washington (2015, p. 21); Faucher, Cassidy e Jackson (2015, p. 117) sobre vitimização online com universitários mostraram desenvolvimento de depressão, sentimentos de raiva, estresse e baixa autoestima e graves problemas psicológicos como: ansiedade, fobias e paranoia e ideação suicida.

O *cyberbullying* precisa ser combatido com ações eficazes que envolvam parceria do poder público, escolas, ONG, empresas e sociedade em geral para garantia do direito do cidadão de ir e vir e ao respeito à diversidade e dignidade humanas.

1.2.4 Contribuições da pesquisa

O Instituto Federal de Educação do Espírito Santo – IFES expandiu o atendimento educacional, principalmente para cursos de nível superior. Hoje conta com 36 cursos de graduação distribuídos pelo Estado do Espírito Santo (IFES, 2016). Esse cenário favoreceu a realização da pesquisa ora apresentada para verificação da existência de práticas de *cyberbullying* nos cursos superiores, para fornecimento de dados empíricos sobre o perfil das vítimas e dos agressores e sobre o conhecimento dos alunos sobre o tema.

Os solteiros, os que trabalham, os que foram vítimas de *cyberbullying*, os de menor renda familiar são variáveis que aumentam a probabilidade de ser agressor. Dessa forma, os alunos que atendem a essas características podem participar de atividades de conscientização dos malefícios causados pelo *cyberbullying* como: palestras e campanhas educativas.

Com os resultados desta pesquisa pretendeu-se também contribuir com a sociedade acadêmica ao fornecer análise de dados que possam subsidiar melhoria nas ações de intervenção e medidas preventivas para o *cyberbullying* no IFES e em outras instituições de ensino. Conseqüentemente esse estudo auxiliará a construção de uma sociedade ainda melhor no futuro, por meio de uma oportunidade de pesquisa deixada por Balakrishnan (2015) e Faucher, Cassidy e Jackson (2015).

1.2.5 Metodologia

De acordo com Silva (2005) esta pesquisa possui natureza aplicada, abordagem quantitativa, objetivo descritivo e utilização da técnica de *survey* por meio do questionário *Cyberbullying Inventory for College Students (CICS)*, desenvolvido por Francisco et al. (2015). Foi aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa do IFES e financiada com recursos próprios do pesquisador.

1.2.6 Organização dos Capítulos

O capítulo 1 inclui a introdução deste trabalho com a contextualização do tema, primeira conceituação de *cyberbullying* de Belsey, taxas de prevalência, as perguntas da pesquisa, os objetivos, a justificativa, as contribuições, a organização dos capítulos e breve comentário dos resultados.

O capítulo 2 traz o referencial teórico com citações de pesquisas feitas em todo o mundo dividido em 5 temáticas: conceito do *cyberbullying*, a ocorrência de *cyberbullying* no mundo, o *cyberbullying* no Ensino Superior e as consequências do *cyberbullying*.

O capítulo 3 detalha a metodologia da pesquisa, o recolhimento e o tratamento dos dados, as regressões e a identificação das variáveis.

O capítulo 4 abrange os resultados estatísticos da pesquisa.

O capítulo 5 trata da conclusão e discussão dos resultados com ênfase na vitimização e agressão.

1.2.7 Síntese dos Resultados

Para sofrer ou não vitimização por *cyberbullying* os resultados encontrados nesta pesquisa apontam que o **gênero**, o **fato de ser casado** e o **fato de possuir outras orientações sexuais** são variáveis estatisticamente significativas. O gênero teve coeficiente negativo, portanto, pode-se inferir que o fato de ser do sexo masculino diminua as chances de se sofrer *cyberbullying*. As interações de variáveis, que objetivam verificar a influência de uma sobre a outra na vitimização, que foram estatisticamente significativas foram **gênero e bissexual; gênero e outras orientações sexuais; conhecer as normas e possuir outras orientações sexuais**. Pressupõe-se que se o respondente for homem, mas for bissexual sofre mais *cyberbullying*; se for homem e possuir outras orientações sexuais também sofre mais *cyberbullying*. Conhecer as normas e possuir outras orientações sexuais pode fazer com que a probabilidade de sofrer se reduza quando comparados com os heterossexuais. O impacto na intensidade de vitimização foi estatisticamente significativo na variável **casado ou mora com companheiro** e nas interações **gênero e bissexualidade; gênero e homossexualidade e gênero e outras orientações sexuais**. O fato de ser do sexo masculino potencializa a agressão se for bissexual, homossexual ou possuir outras orientações sexuais comparado ao heterossexual também do sexo masculino. Para os agressores as variáveis que foram estatisticamente significativas foi a dummy **vitimização** que explica o fato do indivíduo ter sofrido faz com que a possibilidade de agredir seja maior; as interações de variáveis **renda e possuir outras sexualidades** e a dummy **vitimização e possuir outras sexualidades**. Conclui-se que o fato de possuir maior renda influencia no fato de pessoas com outras orientações sexuais serem menos agressoras; e o fato de ter sido vitimado influencia no fato de pessoas que possuem

outras orientações sexuais ser mais agressora. Para o impacto na intensidade da agressão a variável **trabalha** foi significativa, ou seja, quem trabalha é mais agressor; a dummy **vitimização** também foi estatisticamente significativa, portanto, quem sofreu praticou mais agressão. A dummy **vitimização junto com o fato de ser homossexual** também foi significativa, mas com coeficiente negativo, ou seja, o fato de ser homossexual faz com que o indivíduo que sofreu pratique menos.

Capítulo 2

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITUANDO *CYBERBULLYING*

Paralelamente ao rápido desenvolvimento tecnológico e à facilidade de acesso à Internet, Gordillo e Antelo (2014, p. 230) concluíram que os relacionamentos entre os adolescentes estão em transformação, bem como o comportamento de vítimas e agressores do *bullying* que também passaram a usar essas ferramentas tecnológicas. Surge então o *cyberbullying* ou assédio online ou intimidação virtual, fenômeno social delituoso que alguns estudiosos como Slonje, Smith e Frisén (2013, p.3-4), Thomas et al. (2015, p.147), Baldry, Farrington e Sorrentino (2016, p. 25) defendem ser um subtipo do *bullying* realizado por intermédio das tecnologias de informação e comunicação. Outros pesquisadores dos quais se destacam Smith e Yoon (2013, p.53); Kowalski et al. (2014, p. 1107); Brewer e Kerslake (2015, p. 259); Comodo (2016, p.5) que afirmam ser um novo tipo de assédio/agressão por conter elementos diferenciados do *bullying* e ainda outros dizem ser o “próprio *bullying* praticado através da tecnologia” (YBARRA et al., 2012, p.53; VIVOLO-KANTOR et al., 2014, p. 3).

O *cyberbullying* “surgiu na atualidade e ainda não dá sinais de desaparecimento” (DAVISON; STEIN, 2014, p. 595). Os comportamentos do *bullying* praticados presencialmente passam para o meio eletrônico. Tokunaga (2010, p. 279), Gilroy (2013, p. 49), Washington (2015, p. 26) e Bottino et al. (2015, p. 464) dão destaque ao aumento da força e a da crueldade no *cyberbullying* devido ao anonimato e a capacidade de atingir um grande número de pessoas de forma rápida o que contribui para o fortalecimento das agressões e hostilidades.

Concorre para a consolidação do *cyberbullying* “a liberdade de expressão que é permitida no espaço virtual sem supervisão e a dificuldade de remoção de informações e dados dos sites” (BOTTINO et al. 2015, p. 464).

Slonje, Smith e Frisén (2013, p.1) ressaltam que, no *cyberbullying*, a repetição, o desequilíbrio de poder e os papéis exercidos pelos envolvidos ainda não estão esclarecidos a contento nas pesquisas.

No *cyberbullying* o desequilíbrio de poder pode ser determinado pela “maior capacidade tecnológica da intimidação ou pela posição mais alta no posto de valentão” (THOMAS et al., 2015, p. 143). “A repetição é constante e sua existência é perpetuada” (KYRIACOU; ZUIN, 2014, p. 27). “Uma única postagem determina o alcance da publicidade do fato” (THOMAS et al., 2015, p.142). “O *cyberbullying* pode ocorrer através das ferramentas eletrônicas da própria escola e, principalmente, fora do espaço escolar; existe também a possibilidade de se conhecer ou não o agressor” (TOKUNAGA, 2010, p.278).

Um dos fatores que potencializa o *cyberbullying* é “o longo período de tempo em que as informações ficam expostas” (FAUCHER; JACKSON; CASSIDY, 2014, p. 2).

Slonje, Smith, e Frisén (2013, p.1), Pereira e Matos (2015, p. 58) ressaltam que muitas investigações ainda discutem a questão conceitual do *cyberbullying*. A definição mais aceita e usada é a de Tokunaga (2010, p. 278):

Qualquer comportamento realizado por meio eletrônico ou mídia digital por indivíduos ou grupos que comunicam repetidamente mensagens hostis ou agressivas com a intenção de provocar danos ou desconforto sobre os outros.

Um outro conceito muito utilizado nas pesquisas científicas é o de Smith et al. (2008, p.376) que define o *cyberbullying* como:

Um tipo de assédio moral perpetuado por uma pessoa ou grupo através de formulários eletrônicos de contato (celulares, redes sociais, e-mail, sites, blogs, etc.) de forma repetida e ao longo do tempo com o objetivo de atacar alguém que não consegue defender-se.

Hinduja e Patchin (2009, p. 5) definem *cyberbullying* como um agravo intencional e repetitivo realizado através de meios eletrônicos como: celulares, computadores e outros dispositivos com o objetivo de espalhar informações sem o consentimento da vítima.

A verticalização do *cyberbullying* para o Ensino Superior é denominada por alguns estudiosos como “cyber harassment”, ou seja, assédio online, por defenderem que o termo “*cyberbullying*” é voltado para a criança e ao adolescente” (KAMALI, 2015, p. 1).

De acordo com pesquisa de revisão de literatura de Aboujaoude et al. (2015, p. 13) outros tipos de assédio tem sido descritos entre os adultos: “*flames*” (envio de mensagens de texto ofensivas); “*outing*” (divulgação online de informações pessoais); “*trolling*” (publicação de provocações a fim de promover uma situação conflituosa) e “vingança pornô” (exposição de material pessoal sexualmente explícito por vingança).

Este trabalho usará a definição de *cyberbullying* de Smith por se basear na primeira ideia de Olweus, seu precursor, e conceituar *cyberbullying* como “assédio moral”, termo mais adequado ao indivíduo jovem-adulto, público-alvo dessa pesquisa; e ainda o conceito de Hinduja e Patchin, pesquisadores americanos que abordam este tema desde 2002.

2.2 PREVALÊNCIA DE *CYBERBULLYING* NO MUNDO

Modecki et al. (2014, p.607) descobriu através de uma meta-análise, resultados de pesquisas internacionais e encontrou uma prevalência de 15% de vitimização. Pettalia, Levin e Dickinson (2013, p. 2762) em uma pesquisa realizada no Canadá relataram que “50% dos estudantes admitiram ter iniciado práticas de cyberbullying e 67% possuíam envolvimento com cyberbullying”. Na Espanha, pesquisa realizada pelo Observatório Nacional de Convivência Escolar, com 23.100 alunos, revelou que entre 2,5% a 7% foram vítimas de *cyberbullying* e 2,5% a 3,5% assumiram ser agressores. No país Basco, Garaigordobil e Aliri (2013, p. 465), em uma amostra de 3026 alunos, encontraram “vitimização de *cyberbullying* de 17,6% em meninas e 12,5% em meninos, entre 12 a 18 anos”.

Contrariando as pesquisas apresentadas, Dan Olweus (2012, p. 6-7) realizou um estudo de larga escala com 450.490 alunos em 1.349 escolas nos EUA nos anos de 2007 a 2010 e cerca de 9.000 alunos em 41 escolas na Noruega nos anos de 2006 a 2010 e concluiu que o fenômeno de *cyberbullying* não ocorre de forma tão exagerada como tem sido informado na mídia. As médias encontradas de vitimização nos dois países respectivamente foi de 4,5% para meninas e 3,4% para meninos.

No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar mediu a prevalência de bullying nas escolas e caracterizou o *cyberbullying* como um tipo de bullying, apenas diferenciando-os pela ferramenta tecnológica utilizada para a sua prática, seguindo os conceitos contidos na Lei n. 13.185, de 06.11.2015, sobre práticas de bullying e *cyberbullying* (BRASIL, IBGE,2015, p.70). A prevalência demonstrada foi de “7,4% de alunos com relatos de humilhações por provocações” (BRASIL, 2015, p.71), seja

diretamente ou através de redes sociais. “Os percentuais foram próximos para os estudantes do sexo masculino (7,6%) e feminino (7,2%)” (BRASIL, 2015, p.71). “Entre os alunos das escolas públicas, o percentual foi de 7,6% e entre os das escolas privadas, 6,5%” (BRASIL, 2015, p.71). “A Região Sudeste apresentou o maior percentual (8,3%) de escolares que declararam sofrer constrangimento ou humilhação na maior parte do tempo ou sempre” (BRASIL, 2015, p.71). “O Estado de São Paulo (9%) foi o estado com maior percentual de computadores (*cyberbullying*), para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial” (BRASIL, 2015a).

Zequinão et al. (2016, p.186) em pesquisa realizada em escolas públicas de Florianópolis, com alunos do Ensino Fundamental de alta vulnerabilidade social, encontrou uma taxa de 1,5% para meninos e 1,0% para meninas em taxas de vitimização de *cyberbullying*. Os autores afirmam que a baixa prevalência se deve à baixa condição socioeconômica dos alunos para aquisição de computador ou celular com acesso à internet.

Mascarenhas e Martinez (2012, p. 152) encontraram 45,1% de vitimização de *cyberbullying* em duas universidades brasileiras no Estado do Amazonas (UFAM e UNIR), com um total de 1489 alunos.

Em Curitiba, no Estado do Paraná, Schreiber (2015, p. 59) encontrou taxa de vitimização de *cyberbullying* em cerca de 13% e taxa de agressor em cerca de 11% em alunos de uma rede estadual e uma particular do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Cénat et al. (2015, p. 5-6) relata que quando se trata de vitimização com minorias particularmente vulneráveis como gays, lésbicas, transgêneros, jovens com

necessidades especiais, bissexuais, os números de vitimização de *cyberbullying* são ainda mais elevados.

2.3. CYBERBULLYING NO ENSINO SUPERIOR

Estudos sobre *cyberbullying* no Ensino Superior mostram que o tema é um problema mundial com destaque para pesquisas realizadas nos EUA, no Canadá, na Austrália, na Turquia, na Índia, no Japão, na Malásia, em Portugal, na Bulgária, no Paquistão e no Brasil.

Smith e Yoon (2013, p. 53) e Faucher, Cassidy e Jackson (2015, p. 111) concluíram que o *cyberbullying* também está presente na população adulta e Faucher, Jackson e Cassidy (2014, p. 1) relataram que o fenômeno pode ser uma extensão do comportamento da infância e juventude para a vida adulta.

Faucher, Jackson e Cassidy (2014, p. 2) ressalta que pesquisas sobre *cyberbullying* no Ensino Superior têm demonstrado taxas de prevalência muito variáveis, provavelmente devido a diversidade de definições, prazo de execução e metodologias utilizadas. A mesma autora demonstrou um quadro de pesquisas onde foram encontrados percentuais entre 7% e 62% de 2004 a 2014 de vitimização online.

Zalaquett e Chatters (2014, p. 1) descobriram que 19% de universitários relataram sofrer com *cyberbullying*. Dentre os principais tipos de assédio estão “homofobia, racismo, ameaça de violência física e difamação sexista” (GILROY, 2013, p. 49).

De acordo com Faucher, Jackson e Cassidy (2014, p. 7), no ensino superior é mais comum homens envolvidos como agressores de *cyberbullying* e mulheres

como vítimas. A autora também relata que as mulheres são mais propensas a sofrerem *cyberbullying* de pessoas conhecidas, enquanto que os homens são predispostos a serem alvo de pessoas que não conhecem.

Com relação aos efeitos Faucher, Jackson e Cassidy (2014 p. 7) destaca que as alunas sofrem mais consequências negativas do que os estudantes do sexo masculino.

Fazer parte de uma minoria também tornam os estudantes universitários mais propensos à vitimização por *cyberbullying*. Estudantes não heterossexuais tem o dobro de chance de serem vítimas do que os heterossexuais (WENSLEY; CAMPBELL, 2012, p.11).

Souza, Simão e Caetano (2014, p. 585) em uma pesquisa feita com universitários portugueses, verificaram que 39,8% dos alunos nunca estiveram envolvidos com *cyberbullying*, 18,6% se envolveram como vítimas e 59,3% como espectadores.

Na graduação o *cyberbullying* está relacionado a “baixa autoestima” (NA; DANCY; PARK, 2015, p.155), “sentimentos de ódio e estresse” (ZALAQUETT; CHATTERS, 2014, p. 5), “paranoia, depressão, ansiedade, psicoses” (SCHENK; FREMOUW, 2012, p. 2324) e “ruminação” (FEINSTEIN; BHATIA; DAVILA, 2014, p. 278).

Kamali (2015, p. 49) conclui que a existência de *cyberbullying* no Ensino Superior pode ser causada pelos seguintes motivos: minimização do problema pelos funcionários; a inexistência de orientações para os alunos; o Ensino Superior é imune a responsabilidade; ausência de mecanismos de controle de uso da tecnologia no campus.

Pesquisa realizada pelo Pew Internet Center (USA, 2014) e pelo American Life Project (USA, 2014), órgãos apartidários americanos que fornecem informações e pesquisas empíricas sobre os mais diversos problemas sociais desde 1990, demonstrou que 84% dos adultos entre 18 e 29 anos são usuários de redes sociais onde o *cyberbullying* ocorre com frequência.

2.4. CONSEQUÊNCIAS DO *CYBERBULLYING*

A pessoa que sofre *cyberbullying* pode ter dificuldade no “desenvolvimento escolar, sentimento de frustração, raiva, tristeza” (HINDUJA; PATCHIN, 2006, p.161), “abandonar os estudos” (FAUCHER; CASSIDY; JACKSON, 2015, p.118), “ansiedade, depressão (KOWALSKI et al, 2014, p. 1124; WASHINGTON, 2015, p. 21), “solidão e humor depressivo; pensamentos suicidas; e uso de drogas e álcool” (KOWALSKI et al., 2014, p.1124), e “sentimentos de ódio e estresse” (ZALAUQUETT; CHATTERS, 2014, p. 5) e “suicídio” (HINDUJA; PATCHIN, 2010, p. 1).

Gilroy (2013, p. 49) menciona que os efeitos psicossociais, emocionais e acadêmicos do *cyberbullying* causam iguais ou maiores prejuízos às suas vítimas comparados as agressões cara a cara, pois o alcance do público é muito maior.

“O impacto psicológico em universitários que sofrem *cyberbullying* é bem menor diante das pesquisas realizadas com crianças e adolescentes” (SOUZA; SIMÃO; CAETANO, 2014, p. 97). Todavia, Feinstein, Bhatia e Davila (2014, p. 282) encontrou um aumento de sintomas de depressão em 565 universitários nos EUA, inclusive com a propensão das vítimas cometerem suicídio.

O baixo impacto psicológico em universitários pode ser explicado devido a “capacidade do grupo adulto em aceitar melhor as diferenças individuais e estarem mais informados sobre as relações saudáveis” (SOUZA; SIMÃO; CAETANO 2014, p. 97).

Um outro prejuízo citado por Olweus (2012, p. 751) é que os envolvidos com *cyberbullying* são “super consumidores de serviços de saúde e serviços sociais”.

2.5. POLÍTICAS DE PREVENÇÃO DE *CYBERBULLYING*

Com a divulgação em massa de casos de suicídio envolvendo jovens vitimados por *cyberbullying* nos mais diversos países: Ryan Halligan, Jon Carmichael, Jamey Rodemeyer, Rebecca Ann Sedwick e Megan Taylor (EUA); Rehtaeh Parsons e Amanda Todd (Canadá); Julia Gabriele e Julia Rebeca (Brasil); Hannah Smith, Josie Leigh Herniman e Dylan Stewart (Reino Unido), dentre outros desconhecidos, a sociedade começou a se mobilizar contra esse crime que destrói pessoas e suas famílias.

“As universidades e demais instituições estão buscando compreender o fenômeno do *cyberbullying* entre os universitários após os trágicos incidentes reportados pela mídia” (WASHINGTON, 2015, p. 23).

Governos e instituições de diversos países criaram programas com o objetivo de combater o *cyberbullying*, que atinge principalmente os jovens. Destacam-se os seguintes programas: Nos Estados Unidos (Nova York) foi criado a DASA (Lei da Dignidade para todos os alunos) em 2012. Uma das ações desse programa prevê que todos os profissionais que irão ocupar uma vaga em uma escola deverão passar por uma capacitação sobre bullying, *cyberbullying*, assédio e discriminação como

requisito para investidura no cargo. Também nos EUA foi criado o site “stopbullying.gov” que fornece informações sobre o assunto para pais, alunos, educadores e toda a comunidade sobre prevenção do bullying e do *cyberbullying* (USA - Department of Health & Human Services).

A Parent Advocacy Coalition for Educational Rights (EUA) estabeleceu uma semana de prevenção de bullying sempre no mês de outubro (USA-PACER).

A DoSomething é uma organização que promove campanhas de voluntariado em mais de 130 países voltadas para um movimento global para se fazer o bem. É direcionada para jovens de 13 a 25 anos que se envolvem e tomam medidas para mudança social. Possui 5.438.484 membros. Essa ONG vem promovendo várias campanhas anti bullying (USA).

O Programa KIVA, na Finlândia foi avaliado por Williford et al. (2013, p.829) que relatou uma diminuição de 29% de vitimização. Esse programa é baseado em pesquisas de ponta sobre *cyberbullying* e possui ações que envolvem pais, alunos e professores.

O programa antibullying Cyberprogram 2.0 (Espanha) foi avaliado por Garaigordobil et al. (2016, p. 41) que chegaram à conclusão que, além da diminuição da violência o programa ainda aumentou os comportamentos sociais positivos.

A Academia Nacional de Ciências, Engenharia e Medicina dos EUA (2014) realizou um estudo, a pedido do governo federal e de fundações privadas, sobre o bullying e suas consequências. Um Comitê composto por pesquisadores foi criado para produzir um relatório profundo sobre o estado da arte das consequências biológicas e psicossociais das vítimas de bullying e *cyberbullying*. Os membros do

comitê são estudiosos das áreas de TI, criminologia, psicologia, educação, saúde mental, pediatria, saúde pública, administração escolar, polícia entre outros.

Hinduja e Patchin realizaram um levantamento em 2014, nos EUA, sobre as leis estaduais de *cyberbullying* e verificaram que apenas um estado (Montana) não havia promulgado uma legislação sobre o assunto.

O Governo Brasileiro sancionou em 06 de novembro de 2015 a Lei nº 13.185 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), que no seu texto cita a seguinte definição:

Intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

A lei brasileira iguala o bullying ao *cyberbullying* como uma intimidação sistemática, apenas diferenciando-os pelo uso da tecnologia, contrariando a maioria dos estudos na área. O Art. 3º da Lei 13.185 cita vários tipos de intimidação sistemática, inclusive a virtual. Os objetivos da lei são: “prevenção e combate; capacitação de docentes e equipes pedagógicas; orientação a pais e responsáveis; oferta de assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores; envolver os veículos de comunicação de massa; promover medidas de conscientização, prevenção e combate; promover a cidadania e o respeito através da cultura da paz” (BRASIL, 2015). No Art. 1º, § 2 a lei deixa em aberto a responsabilidade dos órgãos governamentais no uso da sentença: “poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito” (BRASIL,2015). A Lei também não determina quais órgãos ficarão responsáveis pelas ações.

Schenk e Fremouw (2012, p. 33-34) recomendam que os programas anti-*cyberbullying* sejam específicos para os universitários, sugerem “uma política de tolerância zero em torno do campus, uma campanha de propaganda apropriada, divulgando a natureza séria do *cyberbullying* e as consequências que ela pode ter para as vítimas e sanções criminais para os envolvidos”.

De acordo com um estudo de Crosslin e Golman (2014, p.18) 16,9% dos estudantes universitários relataram a importância da informação sobre *cyberbullying* através das organizações estudantis e setores de apoio social.

Apesar de muitos programas demonstrarem eficácia em números, Ari Waldman (2016, p.4) defende que a escola tem autoridade limitada para regular práticas de *cyberbullying* que acontecem fora do ambiente escolar. Mas Olweus (2012, p. 10) destaca que a maioria das práticas de *cyberbullying* tem origem na escola, mesmo que as ações ocorram fora dela.

Cada campus do IFES possui uma Comissão de Ética e Disciplina do Corpo Docente que é composta por professores, técnicos administrativos e alunos. A função da Comissão é julgar atos que firam os direitos do alunado contidos no ROD (Regulamento da Organização Didática - BRASIL, IFES).

Capítulo 3

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 AMOSTRA

A amostra foi composta por 505 alunos dos cursos superiores do IFES, dos campi de Vitória, Serra, Cariacica, Vila Velha, Cachoeiro de Itapemirim, Piúma, Guarapari, Colatina, Aracruz, Santa Tereza, Alegre, Viana, Venda Nova do Imigrante, São Mateus, Itapina, Nova Venécia, Linhares e CEFOR sendo 270 do sexo masculino e 235 do sexo feminino, com idades entre 17 e 66 anos.

3.2 INSTRUMENTO

O questionário possui 95 questões e é dividido em 6 partes. A primeira parte contém 9 perguntas sobre dados sócio demográficos, a segunda parte 21 perguntas sobre vitimização. Caso o respondente não tenha sido vitimado ele passava para a questão 31. A partir dessa questão são mais 18 para observadores de vítimas e, caso o respondente não tenha observado nenhuma vítima passava para a questão 67 com mais 20 questões para observadores de agressores. Ao final do questionário foram acrescentadas mais 9 perguntas sobre a legislação federal e as normas do IFES. A última questão tem formato subjetivo e solicita que os respondentes sugiram ações que possam ser adotadas pelos campi em caso de prática de *cyberbullying*.

3.3. RECOLHA E TRATAMENTO DOS DADOS

Para o recolhimento da amostra foram enviadas 3.700 mensagens de e-mail com o link da pesquisa na plataforma Typeform. O questionário ficou 32 dias online.

As respostas do questionário foram analisadas por meio de quatro modelos regressão logística múltipla com utilização dos estimadores Tobit e Probit com o objetivo de traçar o perfil do indivíduo que foi vítima e do indivíduo que foi agressor de *cyberbullying*. Estes estimadores se mostraram necessários pelo fato da variável dependente ser uma *dummy* e pela concentração no zero, respectivamente.

O questionário avalia vítimas, agressores, observadores das vítimas e observadores dos agressores. Ao final foram acrescentadas perguntas sobre a legislação que trata de *cyberbullying* (Federal e IFES) que versam sobre o conhecimento dos alunos sobre a legislação, as normas, a política de prevenção e enfrentamento de *cyberbullying* e as instâncias deliberativas que tratam de situações que ferem os direitos dos alunos. O questionário também possui questões sobre aspectos sócio demográficos de caracterização da amostra: idade, sexo, estado civil, filhos, orientação sexual, renda familiar, deficiência, atividade laboral e campus que frequenta. Dessa forma foi feita a caracterização dos envolvidos. As análises pautaram por abordagens analíticas e descritivas. A análise permitiu elencar quais as variáveis que são intensificadas com a presença de outras. Foram analisadas todas as variáveis para vítimas e agressores para demonstrar a influência de cada uma nos perfis indicados. A variável **tot_vit** foi criada atribuindo-se valores entre 0(zero) e 2, onde o 0(zero) representa o indivíduo que nunca sofreu *cyberbullying*, o 1 representa o indivíduo que sofreu, porém com baixa intensidade e o 2 o que sofreu com alta intensidade. A variável **tot_agress** representa a soma de 9 constructos de agressão de *cyberbullying* onde a cada um deles foi atribuído valores entre 0(zero) e

2. O 0 (zero) representa o indivíduo que nunca praticou *cyberbullying*, o 1 o indivíduo que praticou, porém com baixa intensidade e o 2 o que praticou com alta intensidade. Assim, o valor máximo que esta variável poderia assumir até valor 18.

As variáveis independentes foram assim definidas:

Idade: números reais positivos que equivalem às idades dos respondentes;

Gen: masculino e feminino;

Casado_comp: é uma variável binária que corresponde a 1 se é casado ou mora com um companheiro ou 0 (zero), caso contrário;

Outros: variável binária que corresponde a 1 se é solteiro, viúvo, divorciado ou separado e 0 (zero), caso contrário;

Filhos: variável binária que corresponde a 1, se possui filho(a) e 0 (zero), caso contrário;

Renda: variável dividida em 7 constructos de valores entre 0 e a partir de R\$ 9.001,00;

Bissexual: variável binária que corresponde a 1 se é bissexual e 0 (zero), caso contrário;

Homossexual: variável binária que corresponde a 1 se é homossexual e 0 (zero), caso contrário;

Outros_sex: variável binária que corresponde a 1 se é assexual, heterossexual ou outras orientações sexuais e 0 (zero), caso contrário;

GV: variável binária que corresponde a 1 se estuda em algum campus localizado na Grande Vitória e 0 (zero), caso contrário;

Trabalha: variável binária que corresponde a 1 se é trabalha e 0 (zero), caso contrário;

Deficiência: variável binária que corresponde a 1 se possui alguma deficiência e 0 (zero), caso contrário;

Gen_bissexual: variável que representa o produto entre a *dummy Gen* e a *dummy bissexual*;

Gen_homossexual: variável que representa o produto entre a *dummy Gen* e a *dummy homossexual*;

Gen_outrossex: variável que representa o produto entre a *dummy Gen* e a *dummy outrossex*;

Gv_homossexual: variável que representa o produto entre a *dummy Gv* e a *dummy homossexual*;

Gv_outrossex: variável que representa o produto entre a *dummy Gv* e a *dummy outrossex*;

Tot_norma: variável binária que corresponde a 1 se o aluno conhece as normas e 0 (zero), caso contrário;

Totnorma_gen: variável que representa o produto entre a *dummy Tot_norma* e a *dummy Gen*;

Totnorma_homossexual: variável que representa o produto entre a *dummy Tot_norma* e a *dummy homossexual*;

Totnorma_bissexual: variável que representa o produto entre a *dummy tot_norma* e a *dummy bissexual*;

Totnorma_bissexual: variável que representa o produto entre a *dummy tot_norma* e a *dummy bissexual*;

Totnorma_outrossex: variável que representa o produto entre a *dummy tot_norma* e a *dummy outrossex*.

As questões que indagam sobre sentimentos e ações ocorridas após o evento do *cyberbullying* foram tratadas como consequências e as análises foram feitas de forma descritiva mostradas através de gráficos para enriquecimento da pesquisa.

Para responder às questões de pesquisa foram utilizados 04(quatro) modelos de regressão:

Equação da Tabela 2 (estimação via Probit para vítimas):

$$\begin{aligned} d_{vit} = & \beta_0 + \beta_1 Idade_i + \beta_2 Gen_i + \beta_3 Casado_comp_i + \beta_4 Outros_i + \\ & \beta_5 Filhos_i + \beta_6 Renda_i + \beta_7 Bissexual_i + \beta_8 Homossexual_i + \beta_9 Outros_sex_i + \\ & \beta_{10} Gv_i + \beta_{11} Trabalha_i + \beta_{12} Deficiência_i + \beta_{13} Gen_bissexual_i + \\ & \beta_{14} Gen_homossexual_i + \beta_{15} Gen_outrossex_i + \beta_{16} Gv_homossexual_i + \\ & \beta_{17} Gv_ourossex_i + \beta_{18} Tot_norma_i + \beta_{19} Totnorma_gen_i + \\ & \beta_{20} Totnorma_homossexual_i + \beta_{21} Totnorma_bissexual_i + \\ & \beta_{22} Totnorma_outrossex_i + \varepsilon \end{aligned}$$

Equação da Tabela 3 (estimação via Tobit para vítimas):

$$\begin{aligned} Tot_{vit} = & \beta_0 + \beta_1 Idade_i + \beta_2 Gen_i + \beta_3 Casado_comp_i + \beta_4 Outros_i + \\ & \beta_5 Filhos_i + \beta_6 Renda_i + \beta_7 Bissexual_i + \beta_8 Homossexual_i + \beta_9 Outros_sex_i + \\ & \beta_{10} Gv_i + \beta_{11} Trabalha_i + \beta_{12} Deficiência_i + \beta_{13} Gen_bissexual_i + \\ & \beta_{14} Gen_homossexual_i + \beta_{15} Gen_outrossex_i + \beta_{16} Gv_homo_i + \beta_{17} Gv_outrossex_i + \\ & \beta_{18} Tot_norma_i + \beta_{19} Totnorma_gen_i + \beta_{20} Totnorma_homossexual_i + \\ & \beta_{21} Totnorma_bissexual_i + \beta_{22} Totnorma_outrossex_i + \varepsilon \end{aligned}$$

Equação da Tabela 4 (estimação via Probit para agressores):

$$\begin{aligned} d_{agress} = & \beta_0 + \beta_1 Idade_i + \beta_2 Gen_i + \beta_3 Casado_comp_i + \beta_4 Outros_i + \\ & \beta_5 Filhos_i + \beta_6 Renda_i + \beta_7 Bissexual_i + \beta_8 Homossexual_i + \beta_9 Outros_sex_i + \\ & \beta_{10} Gv_i + \beta_{11} Trabalha_i + \beta_{12} Deficiência_i + \beta_{13} Gen_bissexual_i + \\ & \beta_{14} Gen_homossexual_i + \beta_{15} Gen_outrossex_i + \beta_{16} Gv_homo_i + \beta_{17} Gv_outrossex_i + \\ & \beta_{18} tot_norma_i + \beta_{19} totnorma_gen_i + \beta_{20} totnorma_homossexual_i + \\ & \beta_{21} Totnorma_bissexual_i + \beta_{22} Totnorma_outrossex_i + \varepsilon \end{aligned}$$

Equação da Tabela 5 (estimação via Tobit para agressores):

$$\begin{aligned}
 \mathit{tot_agress} = & \beta_0 + \beta_1 \mathit{Idade}_i + \beta_2 \mathit{Gen}_i + \beta_3 \mathit{Casado_comp}_i + \beta_4 \mathit{Outros}_i + \\
 & \beta_5 \mathit{Filhos}_i + \beta_6 \mathit{Renda}_i + \beta_7 \mathit{Bissexual}_i + \beta_8 \mathit{Homossexual}_i + \beta_9 \mathit{Outros_sex}_i + \\
 & \beta_{10} \mathit{Gv}_i + \beta_{11} \mathit{Trabalha}_i + \beta_{12} \mathit{Deficiência}_i + \beta_{13} \mathit{Gen_bissexual}_i + \\
 & \beta_{14} \mathit{Gen_homossexual}_i + \beta_{15} \mathit{Gen_outrossex}_i + \beta_{16} \mathit{Gv_homo}_i + \beta_{17} \mathit{Gv_outrossex}_i + \\
 & \beta_{18} \mathit{Tot_norma}_i + \beta_{19} \mathit{Totnorma_gen}_i + \beta_{20} \mathit{Totnorma_homossexual}_i + \\
 & \beta_{21} \mathit{Totnorma_bissexual}_i + \beta_{22} \mathit{Totnorma_outrossex}_i + \varepsilon
 \end{aligned}$$

O questionário permitiu elencar quais os principais sentimentos vivenciados por vítimas, agressores e observadores de vítimas e observadores de agressores, postura perante o ato, quais as tecnologias e as mídias utilizadas e a frequência das ocorrências. Adicionalmente foi verificado o conhecimento dos alunos com relação a legislação, as normas e a política de prevenção de *cyberbullying* do IFES e a relação desse conhecimento com as práticas de *cyberbullying*. Ao final os alunos puderam sugerir ações de prevenção de *cyberbullying* que poderão ser adotadas pelos campi do IFES ou outras escolas.

Capítulo 4

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA

TABELA 1: ESTATÍSTICA DESCRITIVA

VARIÁVEL	OBS	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	MIN	MAX
Idade	505	24.89	7.47	17	66
Gen	505	0.53	0.49	0	1
Casado_comp	505	0.18	0.38	0	1
Outros	505	0.02	0.14	0	1
Filhos	505	0.13	0.33	0	1
Renda	505	2.58	1.72	1	7
Bissexual	505	0.05	0.23	0	1
Homossexual	505	0.04	0.21	0	1
Outros_sex	505	0.01	0.11	0	1
GV	505	0.46	0.49	0	1
Trabalha	505	0.45	0.49	0	1
Deficiência	505	0.02	0.15	0	1
D_vit	505	0.28	0.45	0	1
Tot_vit	505	0.40	0.68	0	2
D_agress	505	0.10	0.30	0	1
Tot_agress	505	0.45	1.40	0	9

Fonte: elaboração própria

O objetivo desse trabalho visa analisar o perfil da vítima e do agressor de *cyberbullying* usando as variáveis explicativas: idade, gênero, estado civil, se possui filhos, renda familiar, orientação sexual, região do campus, se trabalha e se possui alguma deficiência. (Tabela 1)

Foram analisadas 505 observações baseadas em um questionário respondido por alunos de cursos superiores em 18 campi do IFES em todo o Estado do Espírito Santo. A estatística descritiva busca traçar o perfil dos respondentes desse

questionário antes de analisar quais são as características de vítimas e agressores de *cyberbullying*. A tabela 01 apresenta os resultados da estatística descritiva.(Tabela 1).

A média de idade dos respondentes é de 24 anos, ou seja a amostra é composta em média por jovens, mas com desvio padrão de 7.47. Isso demonstra que a idade apresenta-se bem variada, onde a mínima é de 17 anos e a máxima de 66 anos. (Tabela 1).

Dentre essas 505 observações 53,45% dos respondentes são do sexo masculino e 46,55% são respondentes do sexo feminino e 79% do total de respondentes são solteiros. Cerca de 63% possui renda familiar entre 0 e R\$ 3.000,00, ou seja a maioria encontra-se na faixa mais baixa dentre as opções do questionário. Cerca de 55% dos respondentes não trabalham, 90+x% são heterossexuais e apenas 2% da amostra possui algum tipo de deficiência. (Tabela 1).

Os respondentes que afirmaram ter sofrido *cyberbullying* representam 28,71% da amostra total, enquanto que os respondentes que afirmaram ter praticado algum tipo de *cyberbullying* é representado por 10,49% do total da amostra.(Tabela 1).

Como já descrito na metodologia a variável **Tot_vit** foi criada atribuindo-se valores entre 0(zero) e 2, onde o 0(zero) representa o indivíduo que nunca sofreu *cyberbullying*, o 1 representa o indivíduo que sofreu, porém com baixa intensidade e o 2 o que sofreu com alta intensidade. De acordo com o resultado pode-se afirmar que a amostra é composta por todos os tipos de indivíduos, uma vez que o mínimo é 0(zero) e o máximo é 2. O resultado da média é de 0,4099, ou seja, pode-se dizer que, em média, os indivíduos não sofreram *cyberbullying* ou sofreram com baixa intensidade. Uma vez que o percentual de indivíduos que sofreram *cyberbullying* é

de apenas 28,71% a média está relativamente alta, o que nos faz esperar um alto número de respondentes que sofreram com alta intensidade.(Tabela 1).

Como já descrito na metodologia a variável **Tot_agress** representa a soma de 9 constructos de agressão de *cyberbullying* onde a cada um deles foi atribuído valores entre 0(zero) e 2. O 0(zero) representa o indivíduo que nunca praticou *cyberbullying*, o 1 o indivíduo que praticou, porém com baixa intensidade e o 2 o que praticou com alta intensidade. Assim, o valor máximo que esta variável poderia assumir seria 18. Como o valor máximo atingido foi 9 pode-se afirmar que na amostra tiveram agressores com alta intensidade em vários constructos. A média, porém, apresenta-se entre 0(zero) e 1 mostrando que, em média, os alunos respondentes nunca praticaram algum tipo de *cyberbullying* ou praticaram uma das 9 modalidades descritas com baixa intensidade. Ao analisar o Desvio Padrão da variável **Tot_agress** verifica-se que é um valor relativamente alto, ou seja, pode-se inferir que a amostra apresenta alta volatilidade de intensidade de agressão.(Tabela 1).

4.2. RESULTADOS DOS MODELOS DE REGRESSÃO

Buscou-se aqui fazer análises que possam traçar o perfil do indivíduo que foi vítima e agressor de *cyberbullying*. Para essas análises foram considerados 4 modelos de regressão, os quais dois tiveram como estimador o Probit e outros dois o Tobit. Estes estimadores se mostraram necessários pelo fato da variável dependente ser uma *dummy* e pela concentração no zero, respectivamente.

4.2.1 Vítimas de *cyberbullying*

Dois modelos foram estimados a fim de analisar as características predominantes em respondentes que sofreram vitimização. O primeiro deles com o intuito de se analisar como as características afetam a probabilidade de se sofrer tal agressão e o segundo para estimar o impacto das mesmas características na intensidade da agressão sofrida.

A Tabela 02 mostra os resultados referentes a equação 1, estimado via Probit.

TABELA 02: ESTIMADOR PROBIT PARA VÍTIMAS

Variável Dependente d_vit			
VARIÁVEL	COEFICIENTE	ESTATÍSTICA Z	VALOR-P
Idade	0.0127098	1.04	0.298
Gen	-.4107974*	-1.92	0.054
Casado_comp	-.4062248*	-1.84	0.066
Outros	-0.0617362	-0.14	0.889
Filhos	0.1822815	0.67	0.504
Renda	-0.0602275	-1.36	0.173
Bissexual	0.2373548	0.5	0.62
Homossexual	0.1414257	0.22	0.824
Outros_sex	-4.078929***	-11.34	0
Gv	-0.1085121	-0.8	0.423
Trabalha	0.1689046	1.29	0.198
Deficiência	0.2241772	0.59	0.554
Gen_bissexual	1.196114**	2.38	0.018
Gen_homossexual	0.7234679	1.3	0.194
Gen_outrossex	3.847587**	3.4	0.015
Gv_homossexual	-0.0616766	-0.11	0.913
Gv_outrossex	-	-	-
Tot_norma	-0.0212508	-0.43	0.665
Totnorma_gen	0.0151802	0.23	0.819
Totnorma_homossexual	-0.0668969	-0.5	0.614
Totnorma_bissexual	-0.106475	-0.86	0.388
Totnorma_outrossex	1.351752***	4.86	0

Constante	-.5446873*	-1.79	0.073
Observações	503		

Legenda: Coeficientes estatisticamente significativos com 10% de significância estão marcados com 1 asterisco (*), significativos a 5% tem dois asteriscos (**) e com 1% de significância, três asteriscos (***).

Fonte: Elaboração própria

Os resultados da estimação apontam que a maioria das variáveis, bem como as interações utilizadas como variáveis explicativas não se mostram estatisticamente significativas para explicar o fato de um respondente ser vítima ou não de *cyberbullying* considerando todos os níveis de significância. (Tabela 2)

Dentre as variáveis explicativas, a primeira que se mostra estatisticamente significativa é a variável **Gen** com 10% de significância. Note que o sinal deste coeficiente é negativo, o que indica que, em média, o fato de ser do sexo masculino faz com que a probabilidade de sofrer *cyberbullying* seja menor quando comparado a um respondente do sexo feminino. Também com 10% de significância a variável **Casado_comp** mostrou-se estatisticamente significativa, ou seja, a pessoa casada ou que mora com um(a) companheiro(a), em média, tem menor probabilidade de ser vítima de *cyberbullying*. Com 1% de significância pode-se dizer que a variável **Outros_sex** se mostra estatisticamente significativa e negativa, isto indica que em média, o fato de possuir outras orientações sexuais diminui a probabilidade de se sofrer *cyberbullying* quando comparado a um respondente heterossexual. (Tabela 2)

Dentre as interações utilizadas para se explicar a probabilidade de ser vítima de *cyberbullying* as que se mostram estatisticamente significativas foram **Gen_bissexual**, que representa o produto entre a *dummy Gen* e a *dummy Bissexual*, **Gen_outrossex**, que representa o produto entre a *dummy Gen* e a *dummy Outrossex* e **Totnorma_outrossex** que representa o produto entre a *dummy Outros_sex* e **Tot_norma**. A ideia dessas interações é analisar como uma

certa característica pode potencializar ou suavizar a forma como outra característica afeta a probabilidade de ser vítima de *cyberbullying*.(Tabela 2)

Note que o coeficiente dessas interações são positivos, portanto, pode-se dizer que, em média, a pessoa do gênero masculino sofre mais *cyberbullying* quando sua orientação é bissexual e/ou outras orientações sexuais, quando comparado a pessoa também do sexo masculino, porém com orientação heterossexual. Mais ainda, pode-se interpretar também como a maneira que o gênero influencia a maneira como a sexualidade interfere em tal probabilidade. Ou seja, pode-se dizer que o fato de ser do sexo masculino faz com que o fato de ser bissexual ou de ter outras orientações sexuais tenha impacto maior na probabilidade quando comparado a uma pessoa bissexual, porém do sexo feminino. Em outras palavras, pode-se dizer que, em média, uma pessoa do sexo masculino sofre mais *cyberbullying* quando é bissexual ou outras orientações sexuais do que quando é heterossexual. E o indivíduo que é bissexual ou de outros sexos sofrem mais *cyberbullying* se for do sexo masculino.(Tabela 2)

A interação entre a variável *dummy Outros_sex* e a variável *Totnorma*, que forma a variável *Totnorma_outrossex* se mostrou estatisticamente significativa e com sinal positivo, demonstrando que, em média, o fato de conhecer as normas pode tornar o coeficiente da variável *Outros-sex* positiva, ou negativa, porém mais perto do zero. O que indica que em média, o fato de conhecer melhor as normas aplicadas à prática de *cyberbullying* pode fazer com que a diferença na probabilidade de se sofrer do mesmo se reduza quando comparados heterossexuais e respondentes de outras sexualidades, ou até que os respondentes de outras orientações sexuais passem a sofrer mais do que os heterossexuais.(Tabela 2)

A Tabela 03 apresenta os resultados referentes a equação 02 estimada via Tobit.

TABELA 03: ESTIMADOR TOBIT PARA VÍTIMAS

Variável dependente: total_vit

VARIÁVEIS	COEFICIENTE	ESTATISTICA Z	VALOR - P
Idade	0.016986	0.917775	0.3587
Gen	-0.503263	-1.489.668	0.1363
Casado_comp	-.794238**	-2.205.465	0.0274
Outros	-0.145664	-0.219412	0.8263
Filhos	0.392908	0.888186	0.3744
Renda	-0.089957	-1.315.617	0.1883
Bissexual	0.064755	0.095994	0.9235
Homossexual	-0.160317	-0.139754	0.8889
Outros_sex	-1.150.753	-1.375.384	0.169
GV	-0.179939	-0.87863	0.3855
Trabalha	0.290732	1.444.931	0.1485
Deficiência	0.562128	0.956972	0.3386
Gen_bissexual	1.659341**	2.443.103	0.0146
Gen_homossexual	1.724702*	1.826.970	0.0677
Gen_outrossex	2.142635**	2.511.739	0.012
Gv_homo	-0.75888	-0.829054	0.4071
Gv_outrossex	2.226776***	3.333.382	0.0009
Tot_norma	-0.008256	-0.106923	0.9149
Totnorma_gen	0.007439	0.070208	0.944
Totnorma_homossexual	-0.094339	-0.426578	0.6697
Totnorma_bissexual	-0.079184	-0.425146	0.6707
Totnorma_outrossex	0.424176	1.313.790	0.1889
Constante	-0.790494	-1.642.794	0.1004
Observações	505		

Legenda: Coeficientes estatisticamente significativos com 10% de significância estão marcados com 1 asterisco (*), significativos a 5% tem dois asteriscos (**) e com 1% de significância, três asteriscos (***).

Fonte: Elaboração própria

O modelo estimado acima a partir do estimador Tobit se propõe a traçar um perfil de características que exercem impacto na intensidade com os respondentes

sofrem *cyberbullying*. É importante frisar que este modelo se difere do anterior pelo fato de não analisar somente se as pessoas sofrem ou não, mas sim o número de vezes que estes mesmos respondentes sofrem tal agressão. A concentração no zero (pessoas que não sofreram *cyberbullying*) justifica o estimador utilizado (Tabela 3).

Dentre as variáveis explicativas do modelo, cinco delas se mostraram estatisticamente significativas, sendo quatro delas interações de variáveis, que buscam analisar a suavização ou intensificação de um certo efeito a partir de outra variável. Dentre as variáveis simples (sem interação) apenas a *dummy Casado_comp* apresentou significância estatística, pode-se afirmar isto com um grau de 95% de confiança. O sinal deste coeficiente foi estimado como um valor negativo, o que indica que em média, o fato de ser casado (ou morar com companheiro) faz com que a intensidade de *cyberbullying* sofrido seja reduzido, quando comparado aos respondentes solteiros da pesquisa. (Tabela 3).

Ao interagir a variável **Gen** com as *dummies* de orientação sexual (**Bissexual**, **Homossexual** e **Outros_sex**), busca-se analisar se o fato de ser homem ou mulher faz com que cada tipo de orientação sexual seja mais ou menos passível de agressão. Ao analisar as interações, as três se mostraram estatisticamente significativas com 5%, 10% e 5%, respectivamente. Os coeficientes destas variáveis se mostraram consistentemente positivos, ou seja, pode-se afirmar em média que, o fato de um respondente ser do gênero masculino potencializa a propensão a se sofrer agressão por ser bissexual, homossexual ou de outras orientações sexuais, comparado ao indivíduo heterossexual. Em outras palavras, quando um indivíduo não é heterossexual, este sofre mais *cyberbullying* se for do gênero masculino. (Tabela 3)

Com 99% de confiança, a interação entre as *dummies* **GV** e **Outros_sex** também é estatisticamente significativa com sinal positivo em seu coeficiente. Isto significa que, em média, os respondentes que são alunos de Campi situados na Grande Vitória, quando possuem outras orientações sexuais, estão mais sujeitos a sofrerem *cyberbullying* quando comparados aos indivíduos também de outras orientações, porém, que estudam em campi não situados na Grande Vitória (Tabela 3).

4.2.2 Agressores de *cyberbullying*

Assim como na análise anterior, dois modelos foram estimados para se analisar as características em respondentes que praticaram *cyberbullying*. O primeiro deles com o intuito de se analisar como as características afetam a probabilidade de ser agressor e o segundo para estimar o impacto das mesmas características na intensidade da agressão praticada.

Os resultados da Tabela 2 e da Tabela 3 foram qualitativamente similares, pois a significância estatística foi mantida.

A Tabela 04 apresenta os resultados referentes a estimação da equação 03

TABELA 04: ESTIMADOR PROBIT PARA AGRESSORES

Variável dependente d_ agress			
VARIÁVEL	COEFICIENTE	ESTATISTICA Z	VALOR-P
Idade	-0.0088792	-0.44	0.663
Gen	0.0341468	0.15	0.881
Casado_comp	-0.5303222	-1.37	0.172
Outros	0.3741626	0.85	0.393
Filhos	-0.3277186	-0.69	0.489
Renda	0.0776672	1.13	0.257
Bissexual	0.5728603	0.68	0.498
Homossexual	-0.1848236	-0.18	0.857
Outros_sex	0.0466898	0.04	0.964
GV	0.0173893	0.1	0.923
Trabalha	0.2639309	1.49	0.136
Deficiência	0.0120247	0.02	0.982
D_vit	1.197861**	2.14	0.032
Renda_bissexual	-0.2489279	-0.97	0.334
Renda_homossexual	0.0995402	0.45	0.656
Renda_outrossex	-3.577514***	-4.17	0
Tot_norma	-0.0272777	-0.63	0.527
Dvit_gen	0.5718534	1.61	0.107
Dvit_homossexual	-0.8810925	-0.98	0.329
Dvit_bissexual	-1.196.429	-1.51	0.132
Dvit_outrossex	3.274184***	3.31	0.001
Dvit_renda	-0.0752312	-0.78	0.433
Dvit_idade	-0.0108529	-0.51	0.609
Constante	-161.352***	-3.35	0.001
Observações	505		

Legenda: Coeficientes estatisticamente significativos com 10% de significância estão marcados com 1 asterisco (*), significativos a 5% tem dois asteriscos (**) e com 1% de significância, três asteriscos (***).

Fonte: Elaboração própria

Os resultados da estimação apontam que a maioria das variáveis independentes, bem como as interações utilizadas como variáveis explicativas não se mostram estatisticamente significativas para explicar o fato de um respondente

ser agressor ou não de *cyberbullying* considerando nenhum nível de significância.(Tabela 4).

A primeira variável que se mostra estatisticamente significativa é a variável ***D_vit*** com 5% de significância. Observa-se que o sinal deste coeficiente é positivo, o que indica que, em média, o fato de ter sofrido *cyberbullying* faz com que a probabilidade de também agredir seja maior. Com 1% de significância a variável ***Renda_outrossex***, que representa o produto entre a *dummy Renda* e a *dummy Outrossex*, mostrou-se estatisticamente significativa e seu coeficiente mostrou-se negativo, ou seja, o fato de possuir maior renda influencia no fato de pessoas com outras orientações sexuais serem menos agressoras, quando comparados aos heterossexuais.(Tabela 4).

A última variável que apresentou-se estatisticamente significativa foi ***Dvit_outrossex***, que representa o produto entre a *dummy Vítima* e a *dummy Outrossex* com 1% de significância e coeficiente positivo. Dessa forma pode-se afirmar que, em média, o fato de ter sido vitimizada e possuir outras orientações sexuais faz com que essa pessoa seja mais agressora.(Tabela 4).

A Tabela 05 mostra os resultados referentes à estimação da equação 04, via estimador Tobit.

TABELA 05: ESTIMADOR TOBIT PARA AGRESSORES

Variável dependente: tot_agress			
VARIÁVEL	COEFICIENTE	ESTATÍSTICA Z	VALOR - P
Idade	-0.037398	-0.388487	0.6977
Gen	1.453.892	1.300.201	0.1935
Casado_comp	-2.254.218	-1.270.357	0.204
Outros	1.135.724	0.469338	0.6388
Filhos	-1.479.109	-0.703755	0.4816
Renda	0.143503	0.380804	0.7033
Bissexual	-1.108.208	-0.252251	0.8008
Homossexual	3.970.999	110.830	0.2676
Outros_sex	-2.721.723	-0.790851	0.429
Gv	-0.339175	-0.406079	0.6847
Trabalha	1.775377**	2.030.650	0.0423
Deficiência	-1.361.973	-0.468333	0.6395
D_vit	4.967423*	1.767.799	0.0771
Renda_bissexual	0.513528	0.443307	0.6575
Renda_homossexual	-0.382957	-0.349525	0.7267
Renda_outrossex	-	-	-
Tot_norma	-0.103199	-0.493193	0.6219
Dvit_gen	1.921.686	1.179.805	0.2381
Dvit_homossexual	-8.357042**	-2.217.850	0.0266
Dvit_bissexual	-163.558	-0.487177	0.6261
Dvit_outrossex	-	-	-
Dvit_renda	-0.574513	-1.143.556	0.2528
Dvit_idade	0.022051	0.218367	0.8271
Constante	-	-3.086.624	0.002
	8.229733***		
Número de observações	505		

Legenda: Coeficientes estatisticamente significativos com 10% de significância estão marcados com 1 asterisco (*), significativos a 5% tem dois asteriscos (**) e com 1% de significância, três asteriscos (***).

Fonte: Elaboração própria

O modelo estatístico estimado acima tem como objetivo elencar as principais características que exercem impacto na intensidade em que os respondentes praticam *cyberbullying*. Este modelo leva em consideração o número de vezes que os respondentes disseram praticar *cyberbullying*. Existe uma concentração de observações no ponto 0 (zero) que mostram os respondentes que não praticaram *cyberbullying*, por isso a necessidade de se aplicar o modelo Tobit (Tabela 5).

Dentre as variáveis explicativas do modelo, três delas se mostraram estatisticamente significativas, sendo uma delas interação de variáveis, que buscam analisar a suavização ou intensificação de um certo efeito a partir de outra variável. Duas variáveis simples (sem interação) apresentaram significância estatística; **Trabalha** com 95% de confiança e **D_vit** com 90% de confiança. Pode-se afirmar que, em média, o respondente que trabalha é mais agressor do que o que não trabalha. O coeficiente da variável **D_vit** também de mostrou positivo, portanto conclui-se que, em média, o respondente que sofreu vitimização de *cyberbullying* praticou mais agressão do que quem não sofreu. (Tabela 5).

A variável **Dvit_homossexual** que representa o produto entre a variável **D_vit** e a variável homossexual se mostrou relevante com 5% de significância para se explicar a intensidade da agressão. Seu coeficiente foi negativo, portanto, pode-se inferir que, em média, o fato de ser homossexual faz com que o indivíduo que sofreu agressão pratique menos *cyberbullying* do que o indivíduo que sofreu, porém é heterossexual. Uma outra possibilidade que pode ocorrer é a situação onde os coeficientes podem mostrar que o homossexual que sofreu agressão, não só pratique menos do que o heterossexual que também sofreu, como um efeito negativo para o homossexual. Isso indicaria que o fato de ser homossexual faz com

que o fato de sofrer *cyberbullying* o torne mais consciente e pratique cada vez menos a medida que sofre mais. (Tabela 5).

4.3 DADOS ADICIONAIS ENCONTRADOS NA VITIMIZAÇÃO

Outros dados da vitimização foram verificados na aplicação do questionário. De 505 respondentes, 29% afirmaram ter sofrido *cyberbullying*, num total de 155 pessoas. Este percentual foi o mesmo encontrado pelo Centro de Pesquisas sobre *cyberbullying* dos Estados Unidos (28%), coordenado por Patchin e Hinduja, ambos citados nessa pesquisa. Dessas 155 vítimas, 83% sabiam quem foi o autor (es) das agressões, 39% sofreram 4 ou mais vezes durante os últimos meses e 61% de 1 a 3 vezes. Desse total 54% disseram ter sofrido *cyberbullying* no Ensino Superior, 46% no Ensino Médio e 24% no Ensino Fundamental. Como nessa pergunta havia a opção de mais de uma resposta conclui-se que existem pessoas que sofreram em dois ou nos três níveis de ensino.

Os sentimentos mais evidenciados pelas vítimas foi raiva, tristeza, preocupação, insegurança, inferioridade, desprezo, medo, embaraço e culpa, mesmos sentimentos encontrados nas pesquisas de Kowalski et al.(2014), Zalaquett e Chatters (2014), Washington (2015) e Faucher, Cassidy e Jackson (2015). Todos esses percentuais ficaram entre 65% e 23% em ordem decrescente respectivamente. Esta questão também permitia mais de uma resposta. Faucher, Jackson e Cassidy (2014, p.118) relatou que quando não existe uma solução adequada para o *cyberbullying* os alunos podem evadir dos cursos. Além dos prejuízos emocionais para os envolvidos, também prejuízo financeiro para as instituições com a saída de alunos (Gráfico 1).

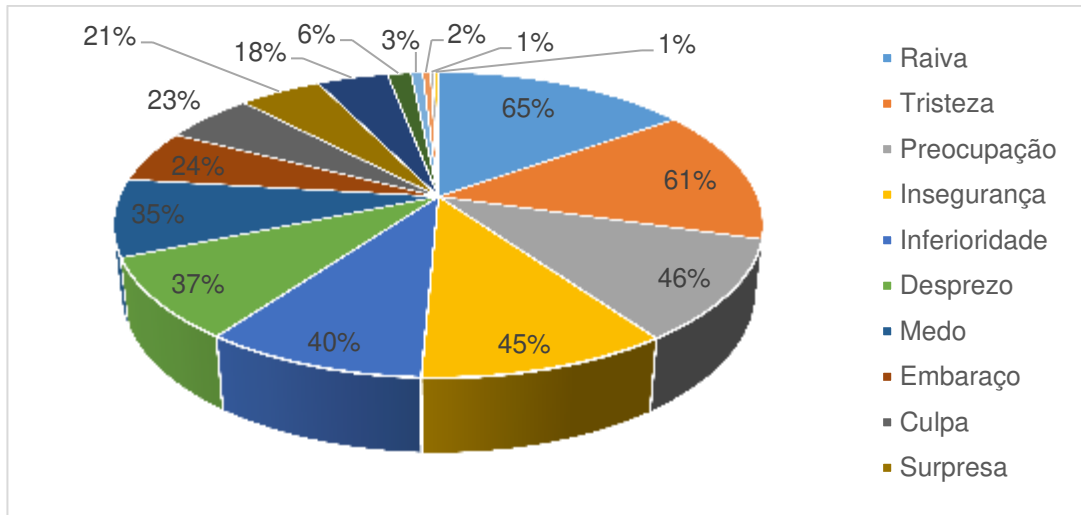


Gráfico 1: Sentimentos vivenciados pelas vítimas após o cyberbullying
 Fonte: elaboração própria

Observou-se que 69% das vítimas fizeram algo mediante a agressão. A grande maioria buscou resolver o problema e 31% ficaram inertes à agressão

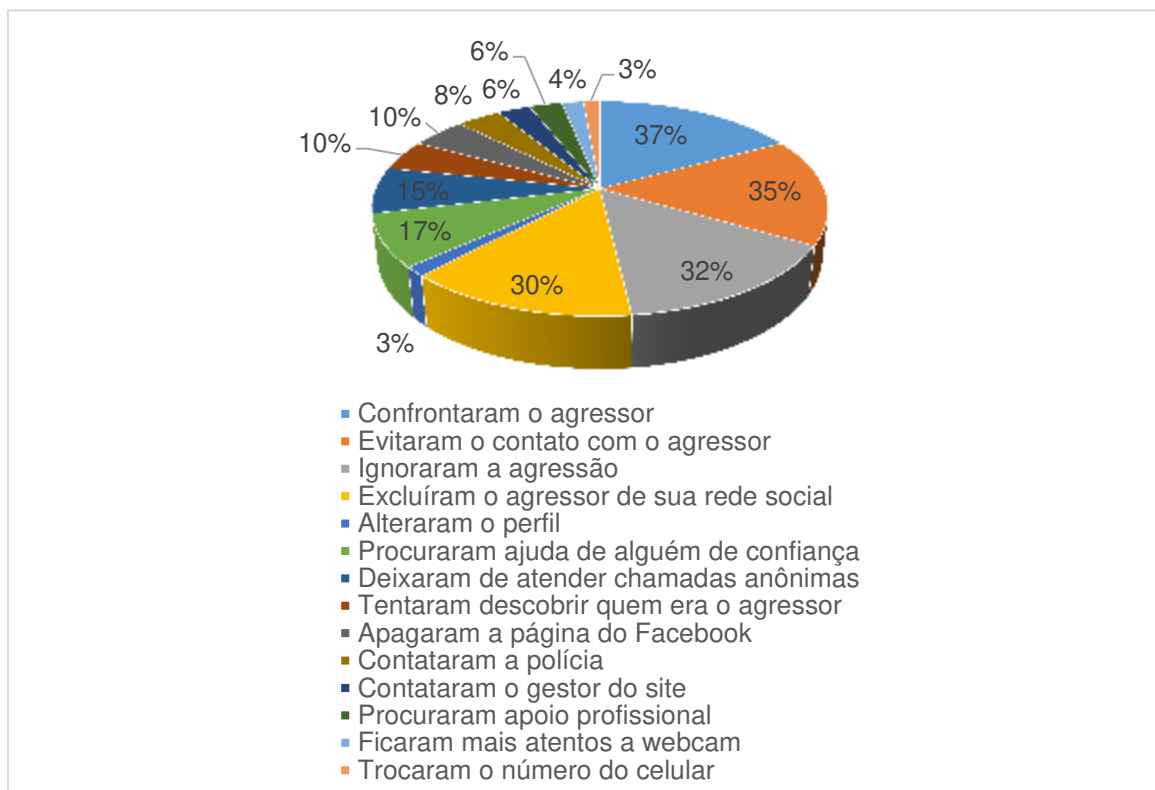


Gráfico 2: Ações tomadas pelas vítimas após serem agredidas por cyberbullying
 Fonte: elaboração própria

O Gráfico 2 mostra que o confronto com o agressor, ignorar a agressão, alterar o perfil e deixar de atender chamadas anônimas foram as principais providências tomadas por 69% das vítimas. Trocar o número do celular foi a escolha de apenas 3% das vítimas. Faucher, Jackson e Cassidy (2014) verificou por meio de pesquisa que a maioria das vítimas de *cyberbullying* da universidade não relataram a agressão para os responsáveis pela instituição e um dos motivos foi a falta de conhecimento das políticas e suas aplicações. (Gráfico 2)

As vítimas também relataram quem poderia ajudar a resolver o problema do *cyberbullying*. Essa questão permitia a marcação de várias opções. (Gráfico 3)

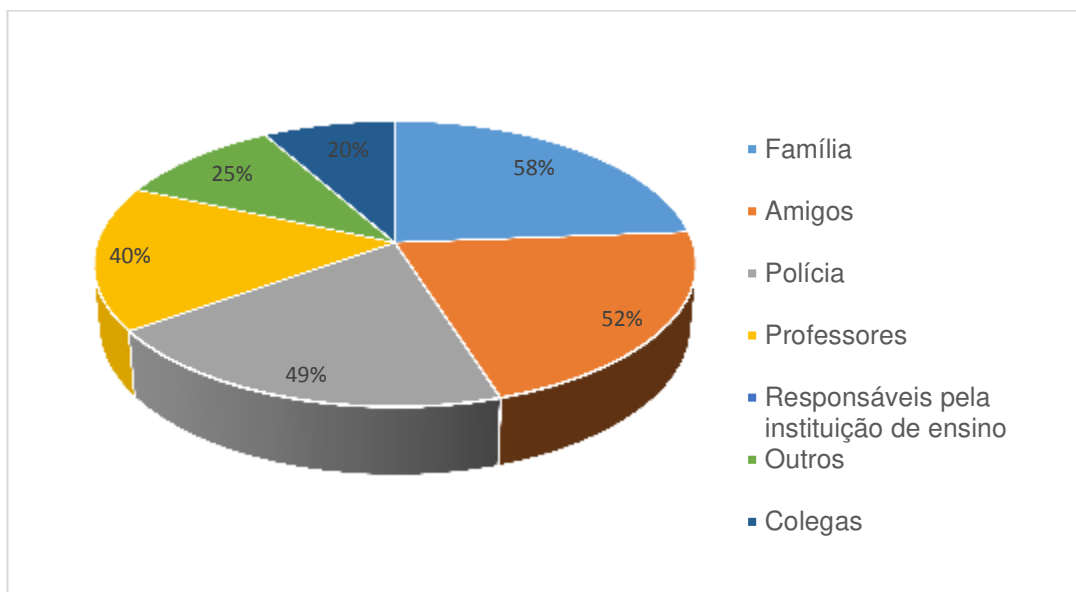


Gráfico 3: Pessoas/instituições que podem ajudar a resolver o problema do cyberbullying na visão das vítimas

Fonte: elaboração própria

Dentre as pessoas/instituições que podem ajudar a resolver o problema do *cyberbullying* a família ficou em primeira opção com 58%, os amigos em segunda opção com 52%, polícia, com 49%, professores, com 40% e responsáveis pela instituição, com 39%. Isso mostra que foi considerada uma parcela de responsabilização à instituição de ensino ficando atrás da família, dos amigos e da polícia. (Gráfico 3).

Com 60% ficou demonstrado que os agressores eram colegas de escola. Como uma parte das vítimas confrontou o agressor é bem provável que no espaço escolar possam ter havido desavenças entre alunos.

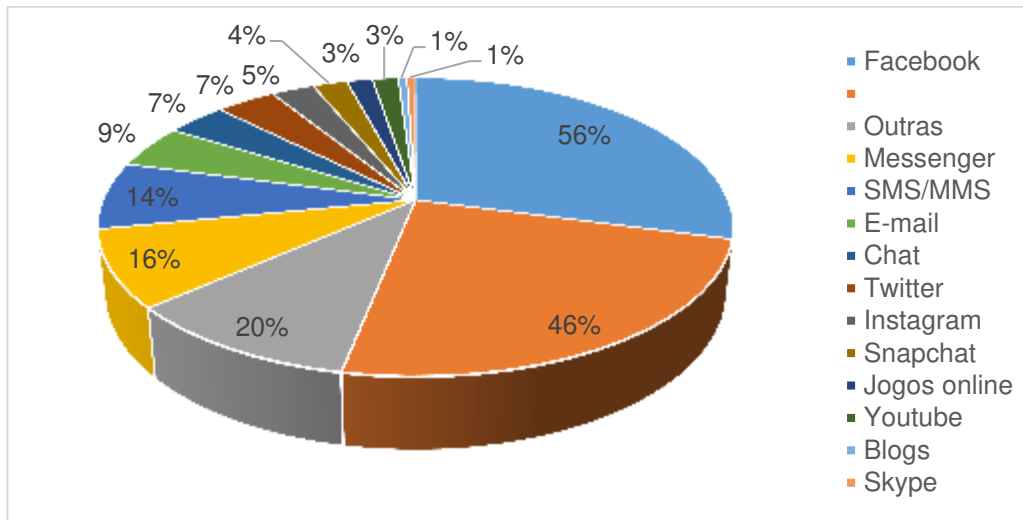


Gráfico 4: Mídias eletrônicas utilizadas na agressão
Fonte: elaboração própria

O Gráfico acima mostra as mídias eletrônicas utilizadas na agressão. As duas mais usadas foram o Facebook, com 56% e o WhatsApp, com 46%. (Gráfico 4).

4.4 DADOS ADICIONAIS ENCONTRADOS NAS RESPOSTAS DOS AGRESSORES

Com relação à prática de agressão por *cyberbullying* 10% dos respondentes disseram ter agredido nos últimos meses e 53% eram colegas de escola.

Com relação à tecnologia 40% responderam ter usado o celular, 28% usaram o computador e 32% usaram ambos.

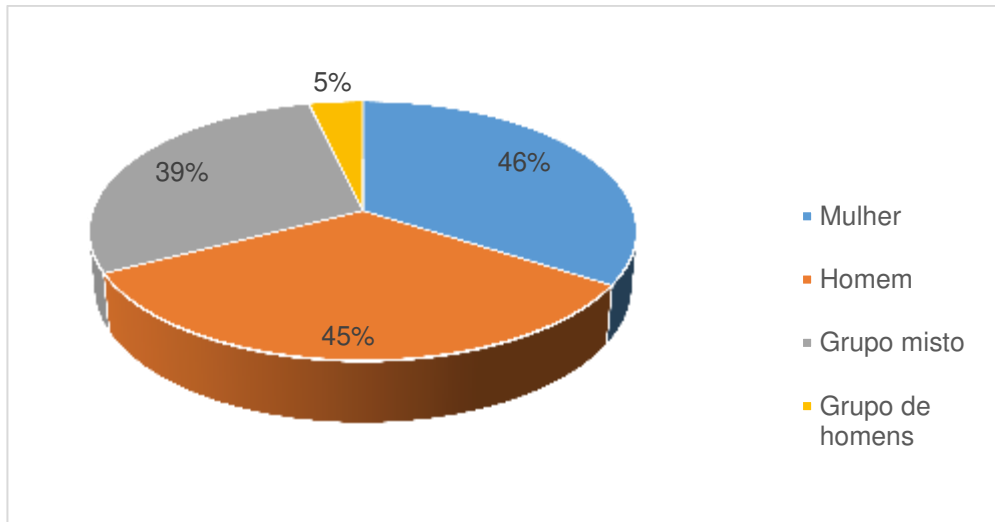


Gráfico 5: Vítimas escolhidas pelos agressores por sexo e/ou grupo de sexo
Fonte: elaboração própria

O Gráfico 5 mostra quem foram as vítimas escolhidas pelos agressores, por sexo e/ou grupo de sexo. Verifica-se, nessa questão, que os agressores escolheram mais de um grupo para praticar *cyberbullying*. As mulheres lideraram com 46%, homens logo após com 45%, ou seja, porcentagens equilibradas. O grupo misto ficou com 39%. Os agressores disseram ter praticado o *cyberbullying* no Ensino Médio (59%), no Ensino Superior (53%) e no Ensino Fundamental (12%). (Gráfico 5).

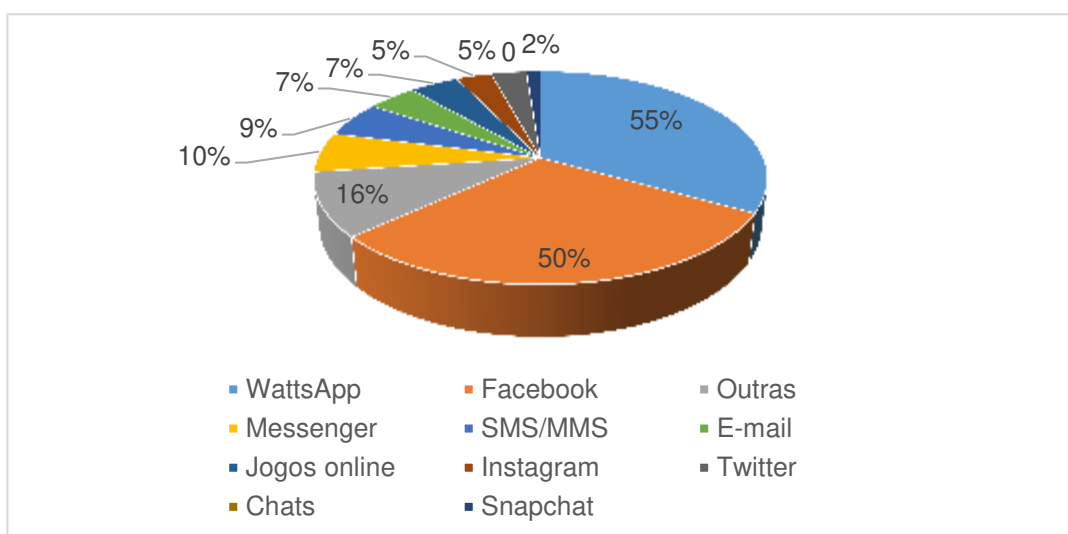


Gráfico 6: Mídias utilizadas para a prática de cyberbullying
Fonte: elaboração própria

As mídias mais usadas foram o WhatsApp e o Facebook, com 55% e 50% respectivamente. As porcentagens estão similares com as mídias relatadas pelas vítimas (Gráfico 6).

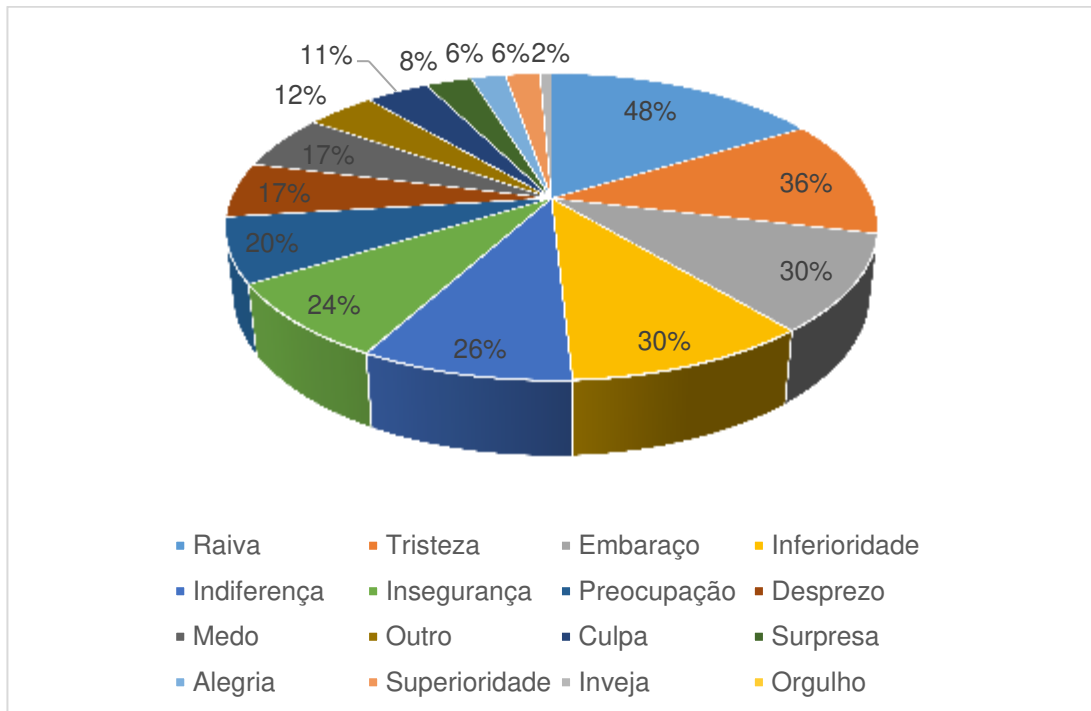


Gráfico 7: Opinião dos agressores sobre os sentimentos vivenciados por suas vítimas
 Fonte: elaboração própria

Também foi perguntado para os agressores sobre quais sentimentos eles acreditavam que suas vítimas tinham vivenciado. O Gráfico acima mostra a opinião dos agressores com relação aos sentimentos experimentados por suas vítimas. (Gráfico 7).

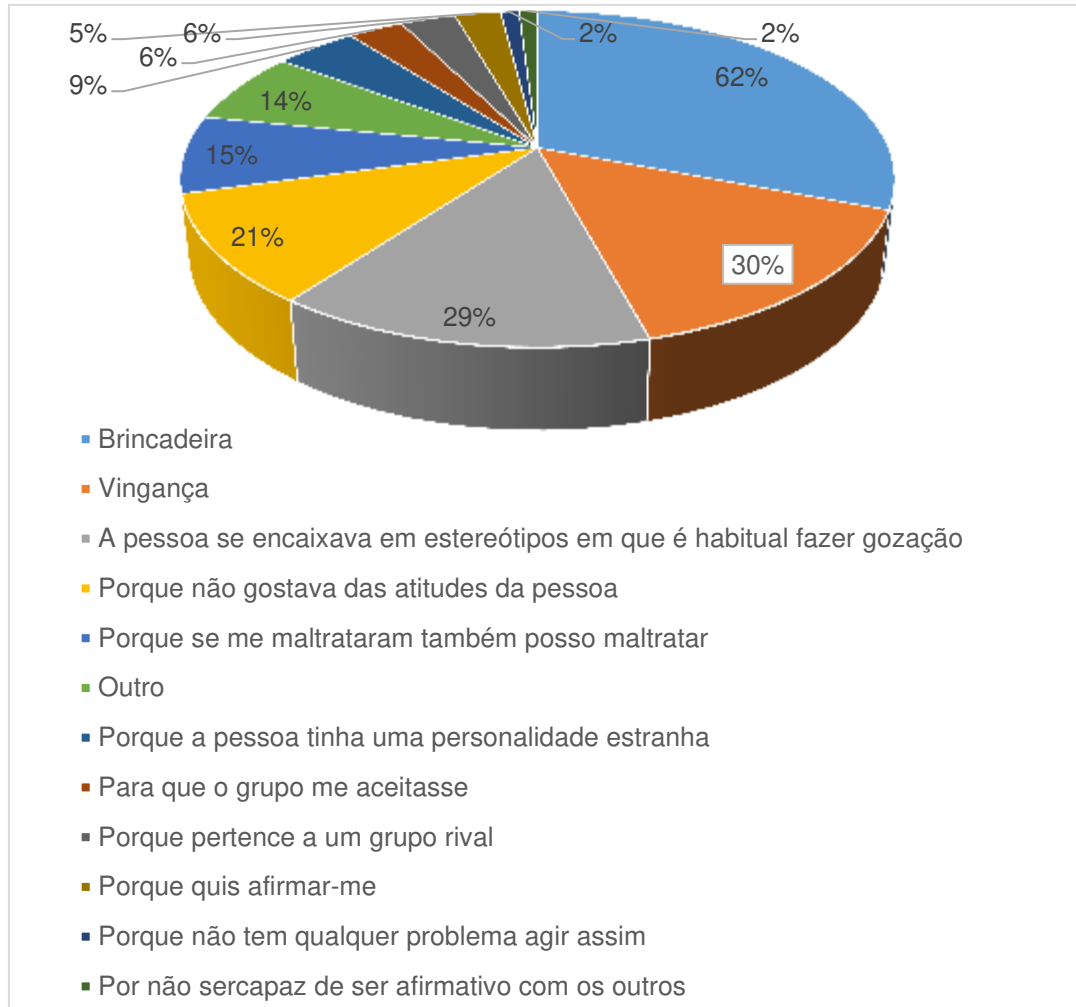


Gráfico 8: Motivos para a prática de cyberbullying relatados pelos agressores

Fonte: elaboração própria

O que motivou a agressão também fez parte das perguntas feitas aos agressores. O Gráfico acima demonstra que a grande maioria afirmou ter agredido por brincadeira (62%), vingança (30%) e a pessoa possuir um estereótipo em que é habitual fazer gozação (29%). (Gráfico 8).

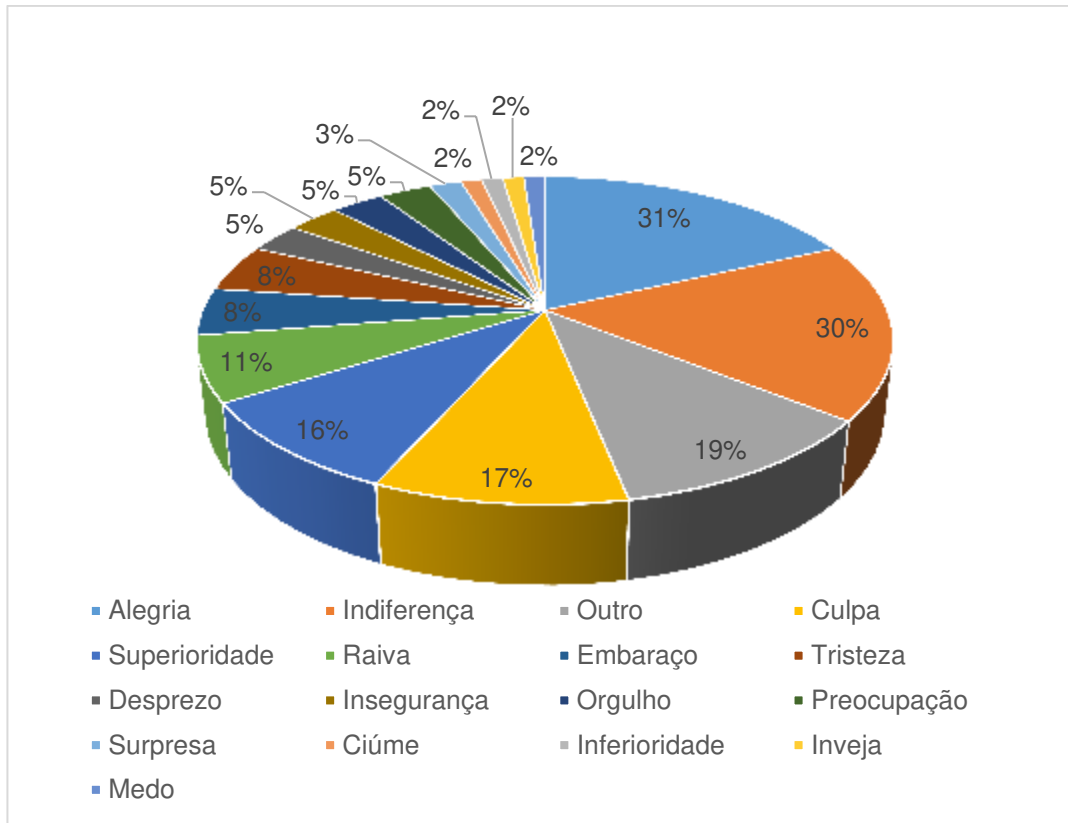


Gráfico 9: Sentimentos vivenciados pelo agressor após a prática do *cyberbullying*

Fonte: elaboração própria

Além dos sentimentos vivenciados por suas vítimas, os agressores também responderam sobre os seus próprios sentimentos após a realização do *cyberbullying*.

O Gráfico 9 mostra que a grande maioria sentiu alegria (31%) e indiferença (30%). É interessante destacar que alguns agressores sentiram culpa (17%), raiva (11%), embaraço (8%), tristeza (8%), desprezo (5%), insegurança (5%), preocupação (5%), inferioridade (2%) e medo (2%). Essa pergunta permitia mais de uma opção de resposta, então, pode ter havido sentimentos contraditórios em um mesmo respondente. Pode estar presente a questão do arrependimento. (Gráfico 9)

Ao final do questionário foram feitas 9 perguntas a todos os participantes. Essas perguntas eram obrigatórias e indagavam sobre o conhecimento dos alunos com relação à legislação federal sobre *cyberbullying*, sobre as normas do Ifes que

tratam dessa temática e sobre as instâncias que deliberam dentro dos campi quando ocorre algum tipo de ato que viole o direito dos alunos.

A Lei nº 13.185 de 06 de novembro de 2015 (Lei Federal que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática - Bullying) não é conhecida por 77% dos respondentes. A pergunta que trata do conhecimento dos alunos sobre o conteúdo do ROD (Regulamento da Organização Didática do IFES), documento esse que consta o Código de ética e Disciplina do Corpo Discente, 76% disseram conhecê-lo e 24% disseram não conhecê-lo. Os direitos e deveres dos alunos que estão contidos no ROD são conhecidos por 61% dos respondentes e 39% afirmaram não conhecê-los.

No ROD, mais especificamente no Código de Ética e Disciplina do Corpo Discente, há um parágrafo específico sobre casos de *cyberbullying*, que é tratado como um ato infracional. Cerca de 89% dos alunos respondentes da pesquisa não têm ciência de nenhuma política de prevenção de bullying ou *cyberbullying* em seu campus; sendo que 70% não conhecem a Comissão de Ética Discente do seu campus e 85% disseram não conhecer os membros dessa mesma Comissão de Ética.

Capítulo 5

5 CONCLUSÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse capítulo pretende-se abordar os resultados do estudo com relação aos objetivos traçados inicialmente e fazer uma análise paralela à revisão de literatura enfocada.

5.1 DETERMINANTES DE VITIMIZAÇÃO

O perfil das vítimas de *cyberbullying* aponta, em média, para indivíduos jovens, com média de idade de 24 anos, solteiros e do sexo feminino. A estatística descritiva apontou que o gênero foi uma variável que se mostrou significativa, ou seja, indicou que, em média, o fato de ser do sexo masculino torna menor a probabilidade de sofrer *cyberbullying* do que os respondentes do sexo feminino. Esse dado se equipara à maioria das pesquisas sobre *cyberbullying* que enfoca o sexo para indicar a prevalência de vitimização. No geral a mulher sofre mais *cyberbullying* do que os homens. Esses achados também foram descritos por Faucher, Jackson e Cassidy (2014, p.7).

Com relação a prevalência de vitimização no Ensino Superior, os respondentes que afirmaram ter sofrido *cyberbullying* representam 28,71%, da amostra total. Esse percentual se distancia do percentual encontrado por Mascarenhas e Martinez (45,1%) em duas universidades brasileiras no Estado do Amazonas e fica mais próximo ao percentual encontrado por Zalaquett e Chatters, em 2014, de 19% , por Francisco et al., em 2015, de 27,9% e por Faucher, Jackson e Cassidy, em 2014, de 25%.

A estatística descritiva demonstrou, na vitimização, que os indivíduos, em média, não sofreram ou sofreram com baixa intensidade, porém como o resultado da média foi de 0,4099 e o percentual de vítimas é de apenas 28,71% conclui-se que um alto número de vítimas sofreu de forma intensa (4 ou mais vezes).

O fato de ser casado(a) ou morar com um companheiro(a) também foi significativo. Em média, quem está nessa condição tem menor probabilidade de sofrer *cyberbullying*. Na Tabela 3 a significância estatística da *dummy* **Casado_comp** foi de 5% com coeficiente negativo. Dessa forma, o fato de ser casado ou morar com um(a) companheiro(a) faz com que a intensidade de *cyberbullying* seja reduzida quando comparado aos respondentes solteiros. O casamento denota mais amadurecimento e o fato de ser casado passa a ideia de uma pessoa mais responsável inibindo as agressões por *cyberbullying*.

A regressão mostrou que o fato de possuir outras orientações sexuais diminui a probabilidade de se sofrer *cyberbullying* quando comparado a um respondente heterossexual. Esse fato não se assemelha com a maioria das pesquisas. Cénat et al. (2016, p.5-6) e Faucher, Cassidy e Jackson (2015, p. 114) concluíram que minorias particularmente vulneráveis como: homossexuais, transgêneros, jovens com necessidades especiais, bissexuais sofrem mais vitimização. O preconceito com essas minorias ainda é muito grande na sociedade. Esta estimativa pode ter sido viesada devido ao número reduzido de observações para a variável citada.

Dentre as interações utilizadas para se explicar a probabilidade de ser vítima de *cyberbullying* as que se mostram estatisticamente significativas foram **Gen_bissexual**, que representa o produto entre a *dummy* **Gen** e a *dummy* **bissexual**, **Gen_outrossex**, que representa o produto entre a *dummy* **Gen** e a *dummy* **outrossex** e **totnorma_outrossex** que representa o produto entre a *dummy*

outros_sex e ***tot_norma***. A ideia dessas interações foi analisar como uma certa característica potencializa ou suaviza a forma como outra característica afeta a probabilidade de ser vítima de *cyberbullying*.

Observa-se que o coeficiente dessas interações são positivos, portanto, pode-se dizer que, em média, o indivíduo que pertence ao sexo masculino e é bissexual sofre mais *cyberbullying* quando comparado a outro indivíduo também do sexo masculino, porém com orientação heterossexual. Uma outra análise diz respeito a interpretação da maneira que o gênero interfere na probabilidade de sofrer *cyberbullying* de acordo com a orientação sexual. Ou seja, pode-se dizer que o fato de ser do sexo masculino faz com que o fato de ser bissexual tenha impacto maior na probabilidade quando comparado a uma pessoa bissexual, porém do sexo feminino. Esses achados estão em conformidade com as pesquisas de Sallee e Diaz (2012, p. 43-44) e Faucher, Cassidy e Jackson (2015, p.114). Ser bissexual significa ter orientação sexual voltada para os dois sexos. Para o homem, ser bissexual significa também ter relacionamentos homossexuais. Como o preconceito é maior com os homens homossexuais, ser bissexual também é uma condição que aumenta a probabilidade de sofrer *cyberbullying*.

A regressão mostrou que o fato de se conhecer melhor as normas aplicadas ao *cyberbullying* pode fazer com que a diferença na probabilidade de vitimização se reduza quando comparados heterossexuais e respondentes de outras orientações sexuais, ou até que os respondentes de outras orientações sexuais passem a sofrer mais do que os heterossexuais. A explicação pode ser o fato dos indivíduos de outras orientações sexuais (transgêneros, pansexual, intergênero, assexual) buscarem mais seus direitos pelo simples fato de sofrerem preconceito por sua

condição antes do ingresso no curso superior. E o maior sofrimento se deve ao fato das minorias, por si só, já sofrerem mais discriminação pela sociedade.

Os sentimentos vivenciados pelas vítimas foram os mesmos encontrados por Hinduja e Patchin (2010), Kowalski et al. (2014), Zalachett e Chatters (2014), Washington (2015) e Faucher, Cassidy e Jackson (2015): raiva, tristeza, preocupação, insegurança, inferioridade, desprezo, medo, embaraço e culpa. A raiva ficou em primeiro lugar e em último lugar ficou a culpa e o embaraço. Isso mostra que as vítimas acreditam que a culpa não é delas. Gilroy (2013) menciona que os efeitos psicossociais, emocionais e acadêmicos do *cyberbullying* causam grandes prejuízo em suas vítimas, pois o alcance do público é muito grande.

O confronto com o agressor foi a ação mais escolhida pelas vítimas, seguida de ignorar a agressão e alterar o perfil da rede social. O fato de confrontar o agressor pode ter sido realizado presencialmente ou pelas redes sociais. Nesse caso pode ter havido embates ou conflitos dentro da unidade de ensino que passaram despercebidos pelos responsáveis.

As vítimas escolheram suas famílias e seus amigos como primeiras opções para ajudarem a resolver o problema. Apesar disso, a escola teve uma boa porcentagem de respostas: professores, com 40% e responsáveis pela instituição, com 39%. Isso mostra que foi considerada uma parcela de responsabilização à instituição de ensino na condução da resolução do problema do *cyberbullying*. Existe uma necessidade da escola estar preparada para preveni-lo e combatê-lo.

A interação entre as *dummies* **GV** e **Outros_sex** também é estatisticamente significativa com sinal positivo em seu coeficiente. Isto significa que em média, os respondentes que são alunos de Campi situados na Grande Vitória quando possuem outras orientações sexuais estão mais sujeitos a sofrerem *cyberbullying*, quando

comparados aos indivíduos também de outras orientações, porém, que estudam em campi não situados na Grande Vitória.

5.2 DETERMINANTES DE AGRESSÃO

Com relação à agressão, a estatística descritiva demonstrou que, na amostra, tiveram agressores com alta intensidade (4 ou mais vezes) em vários constructos, assemelhando-se com as respostas das vítimas. Também ficou demonstrado que, na média, os alunos respondentes nunca praticaram *cyberbullying* ou praticaram uma das 9 formas com baixa intensidade (1 a 3 vezes). O Desvio Padrão é relativamente alto, então conclui-se que a amostra apresenta alta inconstância na intensidade.

Na incidência por agressão os respondentes que afirmaram ter praticado algum tipo de *cyberbullying* é representado por 10,49% do total da amostra. Esse número é bem significativo quando remete-se à quantidade de 51 agressores no IFES. Caso todos os alunos tivessem respondido ao questionário poderia-se ter cerca de 370 agressores agindo dentro do IFES. Em pesquisa realizada em Portugal, Tavares (2014, p. 14) encontrou de 11% a 17% de alunos do ensino superior que afirmaram ter molestado alguém online.

Faucher, Jackson e Cassidy (2014) encontraram 5% de alunos no ensino superior que admitiram ter praticado *cyberbullying* pelo menos com uma pessoa.

A maioria das variáveis independentes, bem como as interações utilizadas como variáveis explicativas não se mostraram estatisticamente significativas para explicar o fato de um respondente ser agressor ou não de *cyberbullying* considerando nenhum nível de significância.

A primeira variável que se mostra estatisticamente significativa é a variável ***d_vit*** com 5% de significância. Observa-se que o sinal deste coeficiente é positivo, o que indica que, em média, o fato de ter sofrido *cyberbullying* faz com que a probabilidade de também agredir seja maior. Está presente, nesse caso, o fator vingança, ou seja, uma vítima pode tornar-se um agressor e vice versa. Tavares (2013, p. 9) descobriu que o principal motivo dado pelos agressores no ensino superior para a prática de *cyberbullying* foi a vingança.

Com os valores da regressão concluiu-se que, em média, o fato de ter sido vitimizada e possuir outras orientações sexuais faz com que a pessoa seja mais agressora. O que falou mais alto, nesse caso, também foi a vingança.

A regressão para agressores mostrou que o fato de possuir maior renda influencia no fato de pessoas com outras orientações sexuais serem menos agressoras, quando comparados aos heterossexuais.

Pode-se afirmar que, em média, o respondente que trabalha é mais agressor do que o que não trabalha de acordo com os resultados da regressão. Esse fato surpreende pelo motivo de quem trabalha transmitir a imagem de pessoa mais comprometida, disciplinada e que não vive mais às custas da família.

A variável ***Dvit_homossexual*** se mostrou relevante com 5% de significância para se explicar a intensidade da agressão. Com coeficiente negativo pode-se inferir que, em média, o fato de ser homossexual faz com que o indivíduo que sofreu agressão pratique menos *cyberbullying* do que o indivíduo que sofreu, porém é heterossexual. Os homossexuais sofrem com o preconceito e sabem quais os danos que esse tipo de comportamento pode causar a uma pessoa. Isso pode explicar esse fato. Uma outra possibilidade que pode ocorrer é a situação onde os coeficientes podem mostrar que o homossexual que sofreu agressão, não só

pratique menos do que o heterossexual que também sofreu, como causa um efeito negativo para o homossexual. Isso indicaria que o fato de ser homossexual faz com que o fato de sofrer *cyberbullying* o torne mais consciente e pratique cada vez menos a medida que sofre mais.

Os agressores relataram que agrediram tanto mulheres (46%) quanto homens (45%), sendo que as vítimas femininas relataram mais vitimização. As mídias mais utilizadas foram o WhatsApp e o Facebook com percentuais de 55% e 50%, respectivamente. A escolha pode ser pela possibilidade de participação em grupos, pela possibilidade de colocar imagens, pelo alcance dessas mídias e pela popularidade das mesmas.

A grande maioria dos agressores afirmou ter agredido por brincadeira (62%), vingança (30%) e a pessoa possuir um estereótipo em que é habitual fazer gozação (29%), demonstrando que esses indivíduos não possuem empatia pela vítima e não conhecem os prejuízos emocionais e acadêmicos que podem ocorrer.

No Gráfico 9 verifica-se os sentimentos vivenciados pelos agressores. A grande maioria sentiu alegria (31%) e indiferença (30%). É interessante destacar que alguns agressores sentiram culpa (17%), raiva (11%), embaraço (8%), tristeza (8%), desprezo (5%), insegurança (5%), preocupação (5%), inferioridade (2%) e medo (2%). Essa pergunta permitia mais de uma opção de resposta, então, pode ter havido sentimentos contraditórios em um mesmo respondente. Existe a possibilidade do agressor ter se arrependido após o ato.

5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *cyberbullying* é um fenômeno social, atual, que cresce à medida que o uso das mídias eletrônicas também aumenta. Está presente do Ensino Fundamental ao Ensino Superior e também no ambiente de trabalho. As pesquisas sobre o tema estão crescendo em todo o mundo, com o envolvimento das mais diversas áreas de estudo. É um tema que ainda não teve seu conceito unificado pela comunidade científica, mas as principais características já foram delineadas. Ainda existem pontos obscuros por envolver o comportamento humano que contém uma subjetividade diversa.

As escolas são espaços destinados não só a aprendizagem de conteúdos construídos pela humanidade, mas, também, e não menos importante, um espaço de construção de vínculos afetivos por meio da relação interpessoal entre alunos e funcionários.

Esse espaço vive uma das piores crises de violência que são reportadas pela mídia todos os dias. O *cyberbullying* é um tipo de violência que engrossa o rol de tantas outras. Para compreender melhor esse fenômeno, suas características e sua complexidade nada melhor do que ouvir os envolvidos: vítimas e agressores.

Dar voz a quem foi vitimado é uma ação que inicia um processo democrático de direitos. Direito de ser diferente, direito de não fazer parte de estereótipos idealizados pela nossa sociedade, direito de ser respeitado enquanto ser humano. Ouvir o agressor permite que o mesmo comece a pensar em seus atos e perceba que movimentos estão sendo feitos em busca de espaços de convivência pacíficos, sadios e produtivos.

Os alunos respondentes dessa pesquisa conhecem, em parte, o documento norteador de seus direitos e deveres no IFES (Regulamento da Organização Didática). A grande maioria afirmou desconhecer políticas de prevenção de *cyberbullying* no IFES e a legislação federal que trata sobre o tema. Esse fato pode ser explicado por ainda não conhecerem o tema e as consequências que esse tipo de agressão pode causar nas vítimas. Aliado a isso 62% dos agressores responderam que o fazem por brincadeira.

Uma sugestão para futuras pesquisas é analisar o *cyberbullying* de professores feito por alunos e também comparar esse fenômeno agressivo entre cursos de áreas diferentes. Recomenda-se também investigar porque um grupo toma decisões após o *cyberbullying* e outro grupo não toma nenhuma providência.

Com essa pesquisa buscou-se compreender melhor o *cyberbullying* em um ambiente universitário brasileiro, o perfil dos envolvidos na vitimização e na agressão, suas causas, suas consequências, dentre outras informações para que se possam construir ações de prevenção e combate eficazes para construção de uma cultura de paz dentro das escolas.

REFERÊNCIAS

- ABOUJAOUDE, Elias et al. *Cyberbullying: review of an old problem gone viral*. **Journal of Adolescent Health**, v. 57, n.1, p.10 – 18, 2015. Disponível em: [http://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(15\)00166-4/abstract](http://www.jahonline.org/article/S1054-139X(15)00166-4/abstract). Acesso em: 4 ago. 2016.
- BALAKRISHINAN, Vimala. *Cyberbullying among young adults in Malaysia: the roles of gender, age and Internet frequency*. **Computers and Human Behavior**, v.46, n. C, p. 149-157, 2015. Disponível em: <http://pdfs.semanticscholar.org/83da/fex17232d5d223152329dfedc163512d03e8.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2016.
- BALDRY, Anna C.; FARRINGTON, David P.; SORRENTINO, Anna, *Cyberbullying na juventude: um padrão de comportamento disruptivo*, **Psicologia Educativa**, v. 22, p. 19–26, 2016. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1135755X16000075>. Acesso em: 5 nov. 2016.
- BELSEY, Bill. *Cyberbullying: an emerging threat to the “always on” generation cyberbullying*. 2004, Disponível em: www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf. Acesso em: 5 nov. 2016.
- BOTTINO, S. M. et al. *Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review*. **Cadernos de Saúde Pública**, v.31, n. 3, p. 463-75, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000300463. Acesso em: 6 nov. 2016.
- BRASIL, IBGE/MEC/MS. **Pesquisa nacional de saúde do escolar: Coordenação de População e Indicadores Sociais**. – Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 132 p. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2016.
- BRASIL. Instituto Federal do Espírito Santo-IFES. **Plano de Desenvolvimento Institucional-PDI**. 17 p. Portaria Nº 1896, de 8 de julho de 2016. Disponível em: http://www.ifes.edu.br/images/stories/files/documentos_institucionais/pdi_2-08-16.pdf. Acesso em: 10 maio 2016.
- BRASIL. Instituto Federal do Espírito Santo-IFES. **Código de Ética e Disciplina do Corpo Docente**. 17 p. Portaria Nº 1896, de 8 de julho de 2016. Disponível em: http://www.ifes.edu.br/images/stories/files/documentos_institucionais/portaria_18962016_codigo_etica_disciplina_corpo_discente_ifes.pdf. Acesso em: 10 maio 2016.
- BRASIL, Presidência da República, Casa Civil, LEI Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 3 maio 2016.

BREWER, G.; KERSLAKE, J. *Cyberbullying*, self-esteem, empathy and loneliness. **Computers in Human Behavior**, v. 48, p. 255-260, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.073>. Acesso em: 3 nov. 2016.

CÉNAT, Jude M. et al. "Correlates of bullying in Quebec high school students: the vulnerability of sexual-minority youth". **Journal of Affective Disorders**. n. 183, p. 315–321, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26047959> Acesso em: 15 mar. 2016.

COMODO, Camila N. **Vítimas, autores e testemunhas de bullying**: uma avaliação das habilidades sociais e de indicadores da competência social. 2016. 230 f. Doutorado (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2016. Acesso em: 22 abr. 2016.

COPELAND, W.E., et al. Adult Psychiatric Outcomes of Bullying and Being Bullied by Peers in Childhood and Adolescence. **JAMA Psychiatry**, v.70, n.4, p.419-426, 2013. Disponível em: [10.1001/jamapsychiatry.2013.504](https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2013.504). Acesso em: 11 maio 2016.

CROSSLIN, K.; GOLMAN, M. "Maybe you don't want to face it – College students perspectives on *cyberbullying*". **Computers in Human Behavior**, v. 41, p. 14-20, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2014.09.007>. Acesso em: 5 jul. 2016.

DAVISON, C. B.; STEIN, C. H. The Dangers of *Cyberbullying*. **North American Journal of Psychology**, v.16, n.3, p.595-606, 2014. Disponível em: <http://najp.8m.com>. Acesso em: 5 jul. 2016.

FAUCHER, C.; JACKSON, M.; CASSIDY, W. The dark side of the ivory tower: *Cyberbullying* of university faculty and teaching personnel. **Alberta Journal of Educational Research**, v.60, n.2, p.279-299, 2014. Disponível em: <http://ajer.journalhosting.ucalgary.ca/index.php/ajer/article/view/1250>. Acesso em: 13 jun. 2016.

_____. "Cyberbullying among university students: gendered experiences, impacts, and perspectives," **Education Research International**, vol. 2014, p. 1-10, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1155/2014/698545>. Acesso em: 5 nov. 2016.

_____. From the Sandbox to the Inbox: comparing the acts, impacts, and solutions of bullying in K-12, higher education, and the workplace. **Journal of Education and Training Studies**, v.3, n.6, 111-125, 2015. Disponível em: <http://redfame.com/journal/index.php/jets/article/view/1033>. Acesso em: 03 nov. 2016.

FEINSTEIN, B. A., BHATIA, V.; DAVILA, J. Rumination mediates the association between cyber-victimization and depressive symptoms. **Journal Interpersonal Violence**, v. 29, n. 9, p. 1732-1746, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0886260513511534>. Acesso em: 25 jul. 2016.

FRANCISCO, S. M. et al. *Cyberbullying*: the hidden side of college students. **Computers in Human Behavior**, v.43, n 0, p.167-182, 2015. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S074756321400568>. Acesso em: nov 2016.

GARAIGORDOBIL, M.; ALIRI, J. Ciberacoso (“*cyberbullying*”) en el país basco: diferencias de sexo en víctimas, agresores y observadores. **Behavioral Psychology / Psicología Conductual**, v. 21, n. 3, p. 461-474, 2013. Disponível em: <https://lasdisidentes.files.wordpress.com/2014/05/bp-pc-cyberbullying-prevalencia-genero.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2016.

GARAIGORDOBIL, Maite et al. Efectos de cyberprogram 2.0 en factores del desarrollo socioemocional. **Pensamiento Psicológico**, v. 14, n. 1, p. 33-47, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11144/Javerianacali.PPSI14-1.ecfd>. Acesso em: 10 jul. 2016.

GILROY, M. Guns, hazing and *cyberbullying* among top legal issues on campus. **Education Digest**, v.78, n.8, p.45-50, 2013. Disponível em: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=06be1335-30ba-4615b6ba-1fcfb28fb34%40sessionmgr4009&vid=4&hid=4106>. Acesso em: 10 jul. 2016.

GORDILLO, I. C.; ANTELO, I. F., Cyberspace as a generator of changes in the aggressive-victim role. **Journal Computers in Human Behavior**, v. 36, p.225–233, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Inmaculada_Antelo/publication/261840791. Acesso em: 17 jul. 2016.

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. **State cyberbullying laws**: a brief review of state *cyberbullying* laws and policies. 2013. Disponível em: <http://cyberbullying.us/statecyberbullyinglaws-a-brief-review-of-state-cyberbullying-laws-and-policies/>. Acesso em: 23 jul. 2016.

_____. Offline consequences of online victimization. **School Violence and Delinquency**. v. 6, n. 3, p. 89-112, 2008. Disponível em http://dx.doi.org/101300/J202v06n03_06 . Acesso em: 23 jul. 2016.

_____. **Bullying beyond the schoolyard**: preventing and responding to *cyberbullying*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2015.

_____. Bullying, *cyberbullying*, and suicide. **Archives of Suicide Research**, v.14, n. 3, p.206-221, 2010. Disponível em: http://cyberbullying.org/cyberbullying_and_suicide_research_fact_sheet.pdf . Acesso em: 7 set. 2016.

KAMALI, Ali. Assessing Cyberbullying in Higher Education. **Information Systems Education Journal**, v.13, n. 6, p. 43-53, 2015. Disponível em: www.aitp-edsig.org/www.isedj.org. Acesso em: 8 set. 2016.

KYRIACOU, Chris; ZUIN, Antonio. **It’s the permanence of online abuse that makes *cyberbullying* so damaging for children**. 2014. Disponível em:

<http://theconversation.com/its-the-permanence-of-online-abuse-that-makes-cyberbullyingso-damaging-for-children-29874>. Acesso em: 14 jul. 2016.

KOWALSKI, R.M., et al. Bullying in the digital age: a critical review and meta-analysis of *cyberbullying* research among youth. **Psychological Bulletin**, v.140, n. 4, p.1073– 1137, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/a0035618>. Acesso em: 5 jun. 2016.

MASCARENHAS, A. N.; MARTINEZ, J. M. A. Ocorrência do bullying /cyberbulling como desrespeito à diversidade e à cidadania no contexto universitário amazônico. **Revista EDUCAmazônia**, v. 8, n. 1, p. 150-161, 2012. Disponível em: http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_7_1/Educa%C3%A7%C3%A3o_01-2014_90-104.pdf. Acesso em: 19 de jul. 2016.

MASCHERONI, Giovanna; ÓLAFSSON, Kjartan. **Net children go mobile: risks and opportunities**. 2. ed. Milan, Italy: Educatt, 2014.

MODECKI, Kathryn L. et al. Bullying prevalence across contexts: a meta-analysis measuring cyber and traditional bullying. **Journal of Adolescent Health**. v. 55, n. 5, p.602–611, 2014. Disponível em: [www.jahonline.org/article/S1054-139X\(14\)002547/abstract](http://www.jahonline.org/article/S1054-139X(14)002547/abstract). Acesso em: 8 jul. 2016.

NA, Hyunjoo; DANCY, Barbara L.; PARK, Chang. College student engaging in *cyberbullying* victimization: cognitive appraisals, coping strategies, and psychological adjustments. **Archives of psychiatric nursing**, v. 29, n. 3, p. 155-161, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.apnu.2015.01.008>. Acesso em: 25 jul. 2016.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do**. London, Lackwell, 140 p., 1993.

OLWEUS, D. *Cyberbullying: An overrated phenomenon?* **European Journal of Developmental Psychology**, v.9, n. 5, p. 520-538, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17405629.2012.682358>. Acesso em: 14 maio 2016.

_____. School bullying: development and some important challenges. **Annual Review of Clinical Psychology**, v.9, p.751-780, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/234087483>. Acesso em: 14 de maio 2016.

PEREIRA, Filipa da S. **Ciberassédio na adolescência: prevalências(s), reações à vitimização e mediação parental**. 2015. 223 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Psicologia). Universidade do Minho Escola de Psicologia, Portugal, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/42549>. Acesso em: 3 jul. 2016.

PEREIRA, F.; MATOS, M. Cyberstalking entre adolescentes: uma nova forma de assédio e perseguição? **Psicologia, Saúde & Doenças**, V. 16, N. 1, P.57-69, 2015. Disponível em: www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v16n1/v16n1a07.pdf. Acesso em: 7 jul. 2016.

PETTALIA Jennifer L.; LEVIN, Elizabeth; DICKINSON, Joel. *Cyberbullying: eliciting harm without consequence*. **Computers in Human Behavior**, v. 29, p. 2758-2765, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2013.07.020>. Acesso em: 4 jul. 2016.

SALLEE, M. W.; DIAZ, C. R. Sexual harassment, racist jokes, and homophobic slurs: when bullies target identity groups. **J. Lester, Workplace bullying in higher education**, p. 41-59, 2013. New York: Routledge. Disponível em: <https://www.routledge.com/Workplace-Bullying-in-Higher-Education/Lester/p/book/9780415519649>. Acesso em: 4 ago. 2016

SCHENK, A. M.; FREMOUW, W. J. Prevalence, psychological impact, and coping of cyberbully victims among college students. **Journal of School Violence**, v.11, n1, p. 21-37, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15388220.2011.630310>. Acesso em: 4 ago. 2016.

SCHREIBER, Fernando C. C. **Cyberbullying em escolas públicas e particulares de Curitiba**. 2015. 94f. Dissertação (Mestrado em Saúde) – Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2015 Disponível em: <http://localhost:8080/tede/handle/tede/996>. Acesso em: 11 jul. 2016.

SILVA, Edna L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SLONJE, R.; SMITH, P. K.; FRISÉN, A. The nature of *cyberbullying*, and strategies for prevention. **Computers Human Behavior**, v. 29, n. 1, p. 26-32, 2013. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563212002154>. Acesso em: 15 ago. 2016

SMITH, J.; YOON, J. Cyberbullying presence, extent, and forms in a midwe stern post-secondary institution. **Information Systems Education Journal**, v.11, n. 3, p. 52, 2013. Disponível em: <http://isedj.org/2013-11/N3/ISEDJv11n3p52.html>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SMITH, Peter K, et al. A content analysis of school anti_bullying policies: progress and limitations. **Journal Educational Psychology in Practice**, v. 24, n. 1, p. 1-12, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/02667360701661165>. Acesso em: 10 jun. 2016.

SOUZA, Sidclay B.; SIMAO, Ana Margarida V.; CAETANO, Ana Paula. *Cyberbullying: percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento*. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 3, p. 582-590, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722014000300582&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 nov. 2016.

TAVARES, T. F. F. **O Cyberbullying no Ensino Superior**. 2014. 32 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Forense). Universidade do Aveiro. 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/12825>. Acesso em: 05 ago. 2016.

THOMAS, Hannah J. et al. Integrating traditional bullying and *cyberbullying*: challenges of definition and measurement in adolescents –a review. **Education Psychology Review**, v. 27, p. 135-152, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271710699_Integrating_Traditional_Bullying_and_Cyberbullying_Challenges_of_Definition_and_Measurement_in_Adolescents_-_a_Review. Acesso em: 4 jul. 2016.

TOKUNAGA, R.S. Following you home from school: A critical review and synthesis of research on *cyberbullying* victimization. **Computers Human Behavior**. v. 26, n. 3, p.277–287, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>. Acesso em: 5 ago. 2016.

UNESCO. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil** – TIC Kids Online. Brasil: 2013. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014. Disponível em: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2013.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2016.

USA. **Do Something**. Disponível em: <https://www.dosomething.org/br>. Acesso em: 25 jul. de 2016.

_____. **PACER** - Department of Education's Office of Special Education Programs. Disponível em: <http://www.pacer.org/about/>. Acesso em: 8 ago 2016.

_____. Centers for disease control and prevention. **Youth violence**: technology and youth—protecting your child from electronic aggression; 2014. Disponível em: <http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ea-tipsheet-a.pdf>. Acesso em: 22 out. 2016.

_____. Centers for Disease Control and Prevention. **School Violence**: Protective Factors. Disponível em: <http://www.cdc.gov/violenceprevention/youthviolence/schoolviolence/risk.html>. Acesso em: 10 jul. 2016.

_____. Jornal da educação de sistemas de informação, v. 25, n.1, 2014. **DASA (dignidade para todos os estudantes de ato)**: intimidação NYS lei. Disponível em: <https://capsli.org/dignity-for-all-students-act-dasa/>. Acesso em: 8 ago. 2016.

_____. **Department of Education (ED)**; Department of Health and Human Services (HHS) & Department of Justice (DOJ). Disponível em: <https://www.stopbullying.gov/about-us/index.html>. Acesso em: 4 jul. 2016.

_____. Department of Health and Human Services (2012). **What is Cyberbullying**. Disponível em: <http://www.stopbullying.gov/cyberbullying/what-is-it/index.html>. Acesso em: 10 jul. 2016.

_____. The National Academies Sciences, Engineering, Medicine. **Preventing bullying through science, policy, and practice**. Disponível em: http://sites.nationalacademies.org/DBASSE/BCYF/Science_on_Bullying/index.htm. Acesso em: 23 jul. 2016.

VIVOLO-KANTOR, Alana M. et al. "A Systematic review and content analysis of bullying and cyber-bullying measurement strategies". **Journal Aggression and violent behavior**, v. 19, n 4, p.423–434, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4703330/>. Acesso em: 15 jul. 2016.

WALDMAN, Ari E. Triggering tinker: student speech in the age of cyber harassment. In: **University of Miami Law Review's 2016 Symposium: The Constitution on Campus: Do Students Shed Their Rights at the Schoolhouse Gate?** v. 71, 2016, Miami. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2794673>. Acesso em: 4 jul. 2016.

WASHINGTON, Edwina T., An Overview of *Cyberbullying* in higher education. **SAGE Journal-Adult Learning**, v.26, n. 1, p 21-27, 2015. Disponível em: <http://alx.sagepub.com/content/26/1/21.full.pdf+htm>. Acesso em: 22 jul. 2016.

WENDT, Guilherme W.; LISBOA, Carolina de S. M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do *cyberbullying*. **Psicologia Clínica**, v. 25, n. 1, p. 73-87, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v25n1/05.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2016.

WENSLEY K.,; CAMPBELL M. Heterosexual and non-heterosexual young university students' involvement in traditional and cyber forms of bullying. 2012. **Cyberpsychology, Behaviour, and Social Networking**, v.15, p. 649-654. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0132>. Acesso em: 15 mar. 2017.

WILLIFORD, A. et al. Effects of the KiVa antibullying program on *cyberbullying* and cyber victimization frequency among Finnish youth. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**. V. 4, p. 820-833, 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23659182>. Acesso em: 18. Jul. 2016.

YBARRA, M. et al. Defining and measuring *cyberbullying* within the larger context of bullying victimization. **The Journal of Adolescent Health**, v. 51, n. 1, p. 53-58, 2012. Disponível em: <http://www.mdpi.com/2075-4698/5/2/245>. Acesso em 4 jul. 2016.

ZALAUQUETT, Carlos P.; CHATTERS, Seriashia J. *Cyberbullying* in college: frequency, characteristics, and practical implications. **SAGE Open**, p. 1-8, 2014: 1–8, Disponível em: <http://sgo.sagepub.com/content/spsgo/4/1/2158244014526721.full.pdf> . Acesso em: 19 jul. 2016.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, Brasil, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/114090/111987>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

ANEXO

ANEXO A: INVENTÁRIO DE CYBERBULLYING

Inventário de Cyberbullying para Estudantes Universitários Cyberbullying Inventory for College Students (CICS)		
<p>Estamos estudando o “Cyberbullying” no Ensino Superior e precisamos de sua ajuda para elucidação das características desse fenômeno social que está presente em nossa sociedade. Sua colaboração é de suma importância para a melhoria das relações interpessoais em nossas escolas. Solicitamos que responda às perguntas do Cyberbullying Inventory for College Students (CICS) desenvolvido por Francisco, Veiga, Ferreira e Martins (2015) e adaptado para a nossa realidade.</p> <p>Esclarecemos que este questionário não deverá ser identificado pelo respondente. As respostas ficarão no anonimato.</p> <p>Agradecemos a sua participação sincera e empenhada!</p>		
1. Idade:		
2. Sexo:		
1= Masculino	2= Feminino	
3. Estado Civil:		
1= Casado(a)	2= Solteiro(a)	3= Divorciado(a)
4= Viúvo(a)	5= Mora com um (a) companheiro(a)	
4. Possui filho(s)?		
0= Não	1= Sim	
5. Renda familiar:		
1= entre 0 e 1.500,00	2= entre 1.501,00 e 3.000,00	
3= entre 3.001,00 e 4.500,00	4= entre 4.501,00 e 6.000,00	
5= entre 6.001,00 e 7.500,00	6= entre 7.501,00 e 9.000,00	

7= a partir de 9.001,00		
6. Orientação sexual:		
1= Homossexual	2= Heterossexual	3= Bissexual
4= Assexual	5= Outra	
7. Qual o campus que frequenta?		
8. Trabalha?		
0= Não		1= Sim
9. Possui algum tipo de deficiência? (Física, auditiva, visual, etc)		
0= Não		1= Sim
10. Alguma vez foi vítima de ofensas, calúnias, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, com o envio de mensagens escritas e/ou fotos/vídeos, através de e-mail, num chat, no Messenger, no Snapchat, no Facebook, no YouTube, no Twitter, no Skype, no Instagram, nos blogs, no WhatsAfp etc.?		
0= Não		1= Sim
Se respondeu NÃO, passe à questão 31. Se respondeu SIM e lembra-se de mais do que uma situação, escolha a mais recente e caracterize-a, respondendo às perguntas que se seguem.		
11. Quantas vezes?		
12. Sabe quem foi o autor ou autores desses comportamentos?		
0= Não		1= Sim
13. Se SIM, tratava-se de:		
1= Mulher	2= Grupo de mulheres	3= Grupo misto
4= Homem	5= Grupo de Homens	
14. Se SIM, tratava-se de colega(s) de escola?		
0= Não		1= Sim
15. Que tecnologia foi utilizada?		
1= Computador	2= Celular	3= Ambos
16. Assinale a mídia que foi usada:		

1= Blogs	2= Facebook	3= Myspace
4= YouTube	5= Chat	6= Snapchat
7= Twitter	8= WhatsApp	9= E-mail
10= Messenger	11= SMS/MMS	12= Instagram
13= Skype	14= Jogos online	15= Outro
17. Que ano e nível de escolaridade frequentava quando o cyberbullying aconteceu?		
1= Ed. Básica	2= Ensino Médio	3= Superior
Descreva o que foi feito com você nas questões abaixo:		
18. Ameaçaram-me		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
19. Assediaram-me com conteúdo de caráter sexual:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
20. Espalharam boatos sobre a minha vida:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
21. Fizeram-se passar por mim:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
22. Fizeram gozação comigo:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
23. Insultaram-me:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes(4 ou mais vezes)
24. Mostraram que possuíam informação sobre a minha vida que podem afetar o meu bem estar psicológico:		

1= Nunca	2= Algumas vezes(1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
25. Revelaram dados sobre a minha vida privada:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
26. Usaram a minha imagem sem autorização:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
27. O que sentiu ao sofrer cyberbullying?		
1= Alegria	2= Ciúme	3= Culpa
4= Desprezo	5= Embaraço	6= Indiferença
7= Inferioridade	8= Insegurança	9= Inveja
10= Medo	11= Orgulho	12= Preocupação
13= Raiva	14= Superioridade	15= Surpresa
16= Tristeza		
37. Outro		
Qual?		
28. Fez alguma coisa para impedir a continuação do cyberbullying?		
0= Não	1= Sim	
29. Se você tentou impedir o cyberbullying, o que você fez? Nesta questão pode ser marcado mais de um item.		
1= Alterei o perfil de privacidade	2= Apaguei a página do Facebook	3= Confrontei o agressor
4= Contatei o gestor do site	5= Contatei a polícia	6= Deixei de atender chamadas anônimas

7= Desativei o e-mail	8= Evitei o contato com o agressor	9= Excluí o agressor da rede social
10= Ignorei a agressão	11= Mudei de número de celular	12= Procurei a ajuda de alguém de confiança
13= Procurei apoio profissional	14=Tentei descobrir quem era o agressor	15= Tomei mais atenção à webcam do computador
16= Outro		
Qual?		
30. Na sua percepção, quem pode ajudar a resolver essa situação? Nesta questão pode ser marcado mais de um item.		
1= Amigos	2= Professores	3= Colegas
4=Responsável pela instituição	5= Pais	6= Outro(s)
7= Polícia	Quem?	
31. Alguma vez ofendeu, difamou, caluniou, ameaçou ou perseguiu alguém, com o envio de mensagens escritas e/ou fotos/vídeos, através de e-mail, num chat, no Messenger, no Snapchat, no Facebook, no YouTube, no Twitter, no Skype, no Instagram, nos blogs, no What- sApp etc.?		
0= Não	1= Sim	
Se respondeu NÃO, passe à questão 51. Se respondeu SIM e lembra-se de mais de uma situação, escolha a mais recente e caracterize-a, respondendo às perguntas que se seguem:		
32. Quantas vezes?		
33. Se respondeu SIM, tratava-se de:		
1= Mulher	2= Grupo de Mulheres	3= Grupo misto
4= Homem	5= Grupo de Homens	
34. A(s) pessoa(s) era(m) colega(s) de escola?		

0= Não		1= Sim	
35. Que tecnologia foi usada?			
1= Computador		2= Celular	
		3= Ambos	
36. Assinale a(s) mídia(s) que foi usada por você:			
1= Blogs		2= Facebook	
		3= Myspace	
4= YouTube		5= Chat	
		6= Snapchat	
7= Twitter		8= WhatsApp	
		9= E-mail	
10= Messenger		11= SMS/MMS	
		12= Instagram	
13= Skype		14= Jogos online	
		15= Outro	
Qual(is)?			
37. Que ano e nível de escolaridade frequentava quando essa situação aconteceu?			
1= Ed. Básica		2= Ens. Médio	
		3= Superior	
O que fez ou disse?			
38. Ameacei			
1= Nunca		2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	
		3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)	
39. Assediei com conteúdo de caráter sexual			
1= Nunca		2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	
		3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)	
40. Espalhei boatos sobre a vida de outros			
1= Nunca		2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	
		3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)	
41. Fiz-me passar por outra pessoa			
1= Nunca		2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	
		3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)	
42. Fiz gozação:			

1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
43. Insultei:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
44. Mostrei que possuo informação sobre outra pessoa que pode afetar o seu bem-estar psicológico:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
45. Revelei dados sobre a vida privada de outra pessoa:		
1= Nunca	2= Algumas vezes	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
46. Usei a imagem de alguém sem autorização:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
47. Outro		
48. O que acha que a pessoa sentiu ao passar por essa situação?		
1= Alegria	2= Ciúme	3= Culpa
4= Desprezo	5= Embaraço	6= Indiferença
7= Inferioridade	8= Insegurança	9= Inveja
10= Medo	11= Orgulho	12= Preocupação
13= Raiva	14= Superioridade	15= Surpresa
16= Tristeza	17= Outro	
49. Que motivos o levaram a praticar tal ato? Marque com x a resposta afirmativa. Note que é possível marcar mais de uma opção:		
1= Para que o grupo me aceitasse	2= Por brincadeira	3= Por não ser capaz de ser afirmativo com os outros pessoalmente

4= Por vingança relativamente a episódios que aconteceram	5= Porque quis afirmar-me	6= Porque a pessoa encaixa naqueles estereótipos com que é habitual fazer gozação
7= Porque a pessoa tinha uma personalidade um pouco estranha	8= Porque não gosto das atitudes da pessoa	9= Porque não tem qualquer problema agir assim
10= Porque pertence a um grupo rival	11= Porque se me maltratam, também posso maltratar	12= Outro
50. O que você sentiu ao praticar tal ato? Note que é possível marcar mais de uma opção:		
1= Alegria	2= Ciúme	3= Culpa
4= Desprezo	5= Embaraço	6= Indiferença
7= Inferioridade	8= Insegurança	9= Inveja
10= Medo	11= Orgulho	12= Preocupação
13= Raiva	14= Superioridade	15= Surpresa
16= Tristeza		
51. Conhece alguém que TENHA SIDO VÍTIMA de ofensas, calúnias, difamação ou perseguição através de mensagens escritas ou envio de fotos/ vídeos, através de e-mail, num chat, no Messenger, no Snapchat, no Facebook, no YouTube, no Twitter, no Skype, no Instagram, nos blogs, no Whatsapp etc.?		
0= Não	1= Sim	
Se respondeu NÃO, passe à questão 69. Se respondeu SIM e lembra-se de mais de uma situação, escolha a mais recente e caracterize-a, respondendo às perguntas que se seguem.		
52. Tratava-se de:		
1= Mulher	2= Grupo de Mulheres	3= Grupo misto

4= Homem	5= Grupo de Homens	
53. Que tecnologia foi usada no cyberbullying?		
1= Computador	2= Celular	3= Ambos
54. Assinale a(s) mídia(s) que foram usadas no cyberbullying:		
1= Blogs	2= Facebook	3= Myspace
4 YouTube	5= Chat	6= Snapchat
7= Twitter	8= WhatsApp	9= E-mail
10= Messenger	11= SMS/MMS	12= Instagram
13= Skype	14= Jogos online	15= Outro
55. Que ano e nível de escolaridade essa pessoa frequentava quando o cyberbullying aconteceu?		
1= Ed. Básica	2= Ens. Médio	3= Superior
56. Descreva o tipo de cyberbullying que essa pessoa sofreu:		
1) Ameaçaram-na:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
57. Assediaram-na com conteúdo de caráter sexual:		
1= Nunca	1= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
58. Espalharam boatos sobre a sua vida:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
59. Alguém se fez passar por essa pessoa:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
60. Fizeram gozação com essa pessoa:		

1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
61. Insultaram-na		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
62. Mostraram que possuíam informações sobre ela que podem influenciar o seu bem-estar psicológico:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
63. Revelaram dados sobre a sua vida privada:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
64. Usaram a sua imagem sem autorização:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	Muitas vezes(4 ou mais vezes)
65. O que pensa que a pessoa vitimada por cyberbullying sentiu?		
1= Alegria	2= Ciúme	3= Culpa
4= Desprezo	5= Embaraço	6= Indiferença
7= Inferioridade	8= Insegurança	9= Inveja
10= Medo	11= Orgulho	12= Preocupação
13= Raiva	14= Superioridade	15= Surpresa
16= Tristeza	17= Outro	
66. Fez alguma coisa para impedir a continuação do cyberbullying?		
0= Não		1= Sim
67. Se tentou impedir o cyberbullying, como procedeu?		
1= Tentei perceber a gravidade da situação	2= Apoiei a vítima	3= Conteí a alguém de confiança

4= Aconselhei a vítima a contar a alguém de confiança	5= Falei com os pais da vítima	6= Outra forma
68. Conhece alguém QUE TENHA OFENDIDO, CALUNIADO, DIFAMADO OU PERSEGUIDO ou- tra pessoa, por meio de mensagens escritas ou envio de fotos/ vídeos, por e-mail, num chat, no Messenger, no Snapchat, no Facebook, no YouTube, no Twitter, no Skype, no Instagram, nos blogs, no Whatsapp etc.?		
0= Não	1= Sim	
Se respondeu NÃO, passe à questão 89. Se respondeu SIM e lembra-se de mais de uma situação, escolha a mais recente e caracteriza-a, respondendo às perguntas que se seguem).		
69. Tratava-se de:		
1= Mulher	2= Grupo de mulheres	3= Grupo misto
4= Homem	5= Grupo de Homens	
70. Que tecnologia foi usada no cyberbullying?		
1= Computador	2= Celular	3= Ambos
71. Assinale a(s) mídia(s) que foi usada para prática do cyberbullying:		
1= Blogs	2= Facebook	3= Myspace
4= YouTube	5= Chat	6= Snapchat
7= Twitter	8= Whatsapp	9= E-mail
10= Messenger	11= SMS/MMS	12= Instagram
13= Skype	14= Jogos online	15= Outro
72. Que ano e nível de escolaridade frequentava quando o cyberbullying aconteceu?		
1= Ed. Básica	2= Ens. Médio	3= Ens. Superior
73. Descreva a ação que essa(s) pessoa(s) praticou no cyberbullying:		

Ameaçaram:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
74. Assediaram com conteúdo de caráter sexual:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
75. Espalharam boatos sobre a vida dos outros:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
76. Fizeram-se passar por outra pessoa:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
77. Fizeram gozação:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
78. Insultaram:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
79. Mostraram que possuíam informação sobre a vida de outros que podiam afetar o seu bem estar psicológico:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
80. Revelaram dados sobre a vida privada dos outros:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
81. Usaram a imagem de outros sem autorização:		
1= Nunca	2= Algumas vezes (1 a 3 vezes)	3= Muitas vezes (4 ou mais vezes)
82. O que pensa que essa pessoa sentiu ao praticar cyberbullying? Note que é possível marcar mais de uma opção:		
1= Alegria	2= Ciúme	3= Culpa

4= Desprezo	5= Embaraço	6= Indiferença
7= Inferioridade	8= Insegurança	9= Inveja
10= Medo	11= Orgulho	12= Preocupação
13= Raiva	14= Superioridade	15= Surpresa
16= Tristeza	17= Outro	
83. Fez alguma coisa para impedir a continuação da agressão por cyberbullying?		
0= Não		1= Sim
84. Se tentou impedir, como o fez? Note que é possível marcar mais de uma opção:		
1= Contando a alguém de confiança	2= Dissuadindo o agressor	3= Prevenindo a vítima
4= Denunciando o agressor		
85. Quem pode ajudar a resolver as situações de cyberbullying? Note que é possível marcar mais de uma opção:		
1= Amigos	2= Colegas	3= Pais
4= Polícia	5= Professores	6= Responsável pela instituição
7= Outros		
86. Na sua opinião, o que se pode fazer para que o cyberbullying não ocorra mais? Note que é possível marcar mais de uma opção:		
1=Alterar as contas (e mail, etc.)	2=Bloquear os contatos	3=Contatar os gestores do site
4=Ignorar	5=Participar a autoridade competente	6=Pedir ajuda a alguém de confiança
7=Criar ou recorrer a um grupo de apoio	8=Outra	Qual?

87. Você já ouviu falar da Lei Nº 13.185 de 06 de novembro de 2015 (Lei Federal que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying))?	
0= Não	1= Sim
88. Você conhece o ROD (Regulamento da Organização Didática) do IFES?	
0= Não	1= Sim
89. Conhece seus direitos e deveres enquanto aluno que estão contidos no ROD?	
0= Não	1= Sim
90. Tem conhecimento sobre como o ROD trata o tema cyberbullying?	
0= Não	1= Sim
91. Sabe da existência de uma política de prevenção de bullying/cyberbullying em seu campus?	
0= Não	1= Sim
92. Conhece a Comissão de Ética Discente do seu campus?	
0= Não	1= Sim
93. Conhece os objetivos da Comissão de Ética Discente?	
0= Não	1= Sim
94. Conhece os membros da Comissão de Ética Discente do seu campus?	
0= Não	1= Sim
95. Dê sugestões de ações de prevenção que o campus pode adotar nos casos de atos de cyberbullying:	